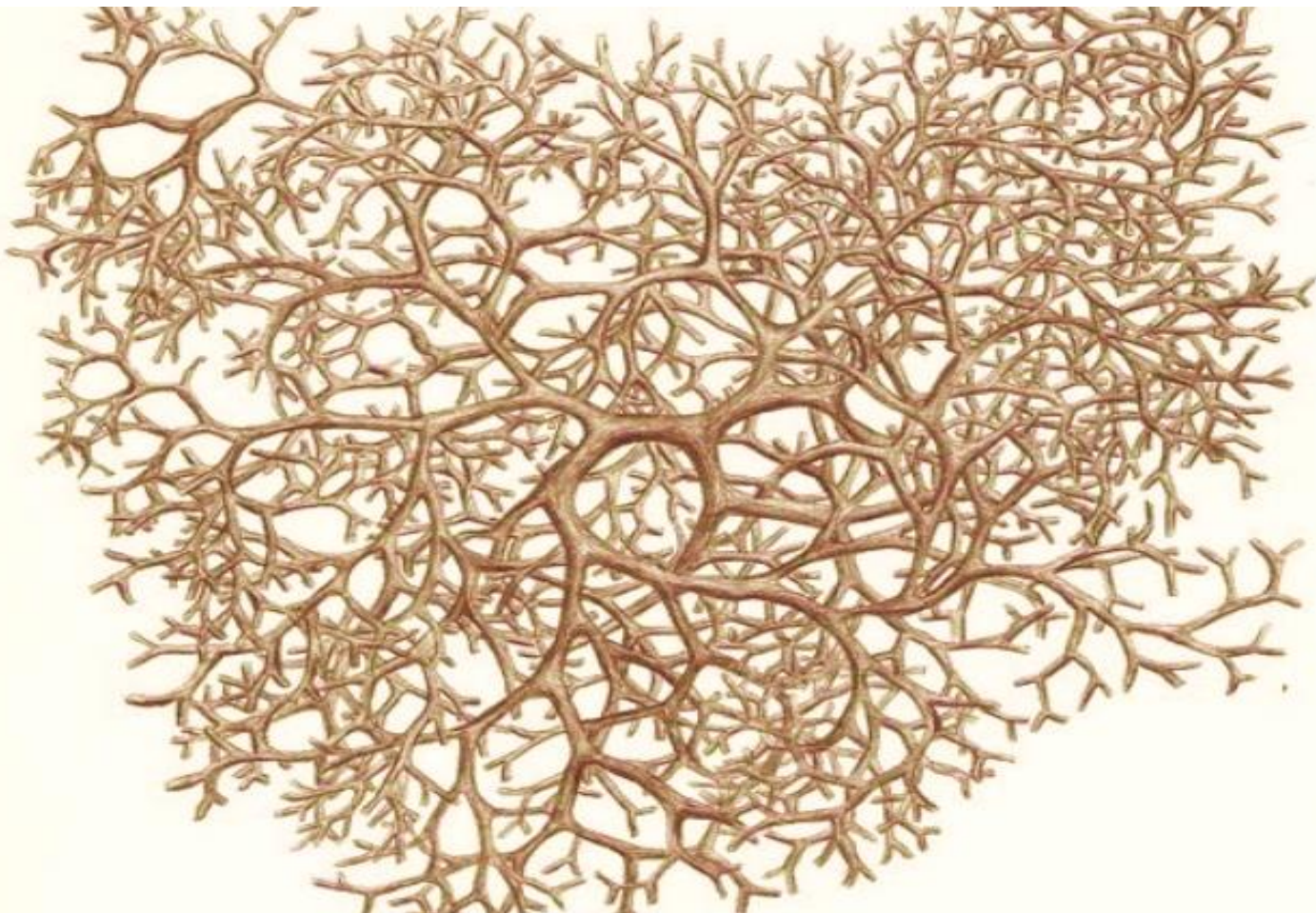


Caderno de Resumos

XX Semana de Filosofia



Filosofia e Literatura

De 02 a 06 de dezembro de 2019

Antônio José Pereira Filho
Cicero Cunha Bezerra
Cecília Mendonça de Souza Leão Santos
Mariana Lins Costa
(Organizadores)

**Caderno de Resumos da XX
Semana de Filosofia da UFS**

Caderno de Resumos da XX Semana de Filosofia da UFS

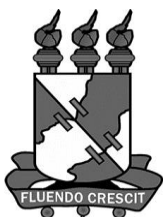
**Antônio José Pereira Filho
Cicero Cunha Bezerra
Cecília Mendonça de Souza Leão Santos
Mariana Lins Costa
(Organizadores)**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Reitor

Prof. Dr. Ângelo Roberto Antonioli

EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE



Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos CEP 49.100 - 000 – São Cristóvão - SE.
Telefone: 2105 - 6922/6923. e-mail: editora.ufs@gmail.com www.editora.ufs.br Este livro, ou parte dele, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização escrita da Editora. Este livro segue as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, adotado no Brasil em 2009

**Antônio José Pereira Filho
Cicero Cunha Bezerra
Cecília Mendonça de Souza Leão Santos
Mariana Lins Costa
(Organizadores)**

Dados Internacionais de Catalogação

Caderno de Resumos da XX Semana de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe [recurso eletrônico] Organização: Antônio José Pereira Filho, Cicero Cunha Bezerra, Cecília Mendonça de Souza Leão Santos, Mariana Lins Costa – São Cristóvão: DFLOnline, Modo de acesso: Internet . 2019

ISBN: 978-85-7822-682-4. 1.Filosofia. 2. Literatura.

COD 100

COMISSÃO CIENTÍFICA

Prof. Dr. Antônio José Pereira Filho (DFL/UFS)
Prof. Dr. Cicero Cunha Bezerra (DFL/UFS)
Profa. Dra. Cecília Mendonça de Souza Leão Santos (DFL/UFS)
Profa. Dra. Mariana Lins Costa (PNPD/UFS)

COMISSÃO ORGANIZADORA

Prof. Dr. Antônio José Pereira Filho (DFL/UFS)
Prof. Dr. Cicero Cunha Bezerra (DFL/UFS)
Profa. Dra. Cecília Mendonça de Souza Leão Santos (DFL/UFS)
Profa. Dra. Mariana Lins Costa (PNPD/UFS)
Allan Wolney Mesquita Santos (Discente/DFL/UFS)
Mariana Dias Pinheiro Santos (Discente/DFL/UFS)
Renata Dias Ribeiro (Discente/PPGF/UFS)

CHEFE DO DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

Prof. Dr. Renato Mendes Rocha

Apresentação

Filosofia & Literatura: para além das diferenças

Tornou-se lugar comum, quando se trata das relações entre a filosofia e a literatura, classificá-las como âmbitos irreconciliáveis. De um lado, o rigor filosófico e sua vocação histórica para questões de ordem epistêmica ou lógica e, de outro, a abertura para o poético e a criação descompromissada com o âmbito da verdade, inviabilizariam qualquer discussão que tomasse esse dois campos de saberes em seus aspectos comuns ou próximos. O objetivo, portanto, desse evento consiste em convergir trabalhos acadêmicos que problematizem as fronteiras entre o filosófico e o literário, bem como, aporem visões interpretativas capazes de, na diferença, estabelecer linhas comuns que fomentem um diálogo produtivo no qual, filosofia e literatura, se encontram como modos de criação, reflexão e visões de mundo. Nesse sentido, a XX Semana de Filosofia tem como objetivos promover o intercâmbio entre professores, pesquisadores e discentes em torno da interface Filosofia e Literatura; estabelecer o diálogo acadêmico entre os estudantes de filosofia e demais áreas afins à temática e fomentar trabalhos acadêmicos, nos âmbitos da Graduação e Pós-Graduação, em torno das interfaces "Filosofia e Literatura".

São Cristóvão, 02 de dezembro de 2019

Organizadores

A função secundária da literatura científica na aprendizagem da ciência

Adilson Alciomar Koslowski (PPGF/ DFL/UFS)

O objetivo dessa comunicação é mostrar que a literatura científica não é o aspecto fundamental da aprendizagem da ciência. O aspecto fundamental é a imitação do postulante a cientista de seus professores. A educação científica é eminentemente uma prática, não uma contemplação. Os livros-textos, os manuais científicos, têm apenas uma importância secundária no ensino da ciência. Destaco que essa tese sobre a importância da prática na aprendizagem da ciência foi sustentada por vários cientistas e filósofos. Focarei nas teses de Thomas Kuhn e Michael Polanyi acerca desse assunto. Penso que também seja possível estender essa tese à aprendizagem da filosofia.

Palavras-chave: Literatura científica. Imitação. Prática. Kuhn. Polanyi. Filosofia.

A democracia entre o conflito e o ideal de consenso

Alexsandra Andrade Santana (PPGF/UFS)

John Rawls caracteriza uma sociedade democrática como aquela que, dentre outras coisas, reconhece o fato do pluralismo razoável de doutrinas abrangentes (filosóficas, religiosas e morais) defendidas pelos seus cidadãos. O liberalismo político rawlseano pretende formular uma concepção política da justiça que possa ser endossada pelas mais diversas doutrinas abrangentes, sem a pretensão de substituí-las ou lhes dar um fundamento de verdade. Para alcançar este objetivo, Rawls restringe o que pode ser objeto da discussão política, fazendo uma distinção entre a razão pública – que aborda questões pertinentes à estrutura básica da sociedade – e as muitas razões não públicas – relegadas ao âmbito privado. Desta forma, as causas do dissenso são retiradas do ambiente político e o consenso por justaposição se tornaria possível. No entanto, Chantal Mouffe põe em xeque o ideal liberal de consenso proposto por Rawls ao argumentar que a criação desse ambiente político livre de conflitos na esfera pública pode resultar no oposto do que é pretendido quando se está num ambiente democrático. Os problemas da vida política contemporânea, que envolvem questões de raça, de etnia e de gênero geram conflitos que repercutem na esfera pública e que não podem ser resolvidos apenas com o respeito e a tolerância, mas a partir de decisões políticas que inclusive podem afetar a estrutura básica da sociedade. Nosso objetivo é, a partir da crítica de Mouffe, analisar até que ponto o ideal de consenso por justaposição proposto por Rawls é compatível com a ideia de democracia liberal.

Palavras-chave: Democracia. Consenso. Conflito. John Rawls. Chantal Mouffe.

“Só a árvore vive”: onde Zaratustra encontra Godot

André Luís Bonfim Sousa (IFAL)

Com o presente trabalho pretendemos relacionar os sentidos do niilismo no contexto das obras "Assim falou Zaratustra" e "Humano, demasiado humano", de Friedrich Nietzsche com o conceito de *nada* na obra "Esperando Godot", de Samuel Beckett. De maneira geral,

niilismo consiste na ausência de valores eternos, estruturas metafísicas estáveis, cláusulas pétreas garantidas por uma divindade ou por leis transcendentais: ausência completa de sentido e fundamento. Por um lado, apresentaremos como, na obra "Assim falou Zaratustra", Nietzsche identifica que, no contexto do niilismo, é preciso ter coragem para adentrar nesse *ágon*, de modo que o mesmo se revele em toda a sua plenitude e em todas as suas possibilidades. Por outro lado, em "Esperando Godot", perscrutaremos o modo pelo qual a repetição da palavra *nada* aos poucos vai cedendo os contornos de um nada positivo e que nos proporciona o desvelar da ausência de fundamento, verdade, critério absoluto e universal. Nada a ser feito: exige que não esperemos mais por nossa liberdade e responsabilidade, que não são mais garantidas nem violentadas ou controladas por *nada*. Concluímos o trabalho evidenciando que tanto o niilismo em Nietzsche quanto o nada em Beckett trazem a necessidade imanente de radicalizá-los, levá-los até sua extrema significação. Nesse sentido, Nietzsche e Beckett, revelando-nos um mundo privado de sentido imanente, em cujo contexto o sujeito está deformado e esvaziado da capacidade reflexiva, afirmam a exigência de se elaborar novas formas significativas, que sejam denúncia desse estado de coisas.

Palavras-chave: Niilismo. Teatro. Filosofia.

A filosofia e a literatura francesa no século Luzes: Montesquieu e as "Cartas Persas"

Antônio Carlos dos Santos (DFL/PPGF/UFS)

Sabemos que a filosofia, grosso modo, no Grande Século, partia de princípios apriorísticos e conjugava a forma do tratado como busca pela verdade. O pensador do século XVIII vai trabalhar com a ideia de não-verdade, de ilusão de ótica, de perspectiva, não porque não queira lidar com a verdade, mas porque encontrou uma outra forma de buscá-la, de expressá-la, de vivê-la. No século das Luzes, um exemplo clássico desta forma de filosofia e de fazer literatura, é o texto de Montesquieu, "Cartas Persas". Portanto, o objetivo desta comunicação é pensar como a filosofia se vale da literatura para pensar o mundo na obra clássica de Montesquieu.

Palavras-chave: Filosofia. Literatura francesa. Montesquieu. Luzes. Verdade.

A natureza e a extinção da raça humana em Giacomo Leopardi

Antonio José Pereira Filho (DFL/PPGF/UFS)

Conhecido como poeta-filósofo, Giacomo Leopardi (1798-1837) é considerado o maior escritor da língua italiana desde Dante e sua obra exerceu influência decisiva sobre nomes como Schopenhauer, Nietzsche, Pound, Emil Cioran, Ítalo Calvino e Machado de Assis, apenas para citar alguns nomes. Céticos, niilistas, pessimistas em geral já se apropriaram de suas ideias ou imitaram o estilo de suas sátiras e seu humor ácido e cortante. De sua vasta obra, além dos poemas e das "Operette Morali", cabe destacar os estudos estéticos e, sobretudo, o seu diário ("O zibaldone") que ganhou uma edição recente de mais de 4.000 mil páginas. Esta obra colossal permite entrever um pensamento em movimento e o percurso de uma vida cujo desejo sempre foi ir além das paredes de uma biblioteca, sentar-se nos cafés, acariciar os pés de uma moça e, como ele mesmo diz, viver a vida alegre dos passarinhos. Este breve retrato certamente não pode dar conta da originalidade de suas ideias, sobretudo no que diz respeito à relação entre o homem e a natureza,

assunto que gostaríamos de explorar em nossa palestra, e que sempre ocupou o centro da obra leopardiana, revelando uma trajetória de questionamento sincero. Na perspectiva de Leopardi, se a busca da verdade pode desesperar, isso depende de como a verdade é exposta, tal como faz o autor, ou seja, com leveza e graça, o que, na outra ponta do fio, acaba levando o leitor ao espanto e à admiração que, como todos sabem, marca o início da filosofia. Tratar temas sérios com humor, como é o caso da *extinção da raça humana*, funciona na verdade como uma crítica mordaz frente ao entusiasmo antropocêntrico. A reflexão é despertada, aqui, por esse choque entre forma e conteúdo, o que permite desbaratar os mitos e ilusões reconfortantes criados como máscara pelo ser humano. Através da potência da palavra literária, Leopardi nos leva a pensar sobre nossa pequenez e o fracasso humano enquanto espécie e a assumir uma postura nova diante da vida, o que é revelador de ética que reconhece o niilismo, mas pretende superá-lo. É o que podemos notar, por exemplo, nos contos satíricos “Diálogo entre um gnomo e um duende”, “Diálogo da natureza e de um islandês”, “Diálogo da morte com a moda” que fazem a crítica do humanismo antropocêntrico e antecipam nosso século de angústia e ansiedade de dimensões apocalípticas, bem como no “Diálogo entre Porfírio e Plotino”, cujo tema é o suicídio, ou seja, a questão decisiva de saber se vale a pena viver ou morrer num mundo sem sentido e sem qualquer transcendência redentora. Pretendemos mostrar que “o pessimismo” de Leopardi, como num giro de ampuheta, acaba por inverter o jogo, propondo *uma ética da finitude, e da solidariedade* num mundo sem Deus.

Palavras-chave: Filosofia. Literatura. Natureza. Giacomo Leopardi. Raça humana.

Ambiguidade e ortodoxia em “A religião nos limites da simples razão” de Kant

Arthur Eduardo Grupillo Chagas (DFL/PPGF/UFS)

Gostaríamos de entreter a hipótese de que a filosofia kantiana da religião é um projeto ambíguo. Para muitos intérpretes, Kant se inscreve na tradição iluminista de uma “apreciação da religião natural”, a qual nega fazer qualquer apreciação, e ainda menos qualquer “depreciação”, do cristianismo (AA 07: 08), pretendendo somente submeter a religião ao tribunal supremo da razão. Mas, para outros intérpretes, sobretudo mais recentes, Kant não deixa de praticar, assim, um discurso apologético, pois embora acredite que este núcleo moral racional esteja presente em todas as religiões, defende que ele encontra no cristianismo sua expressão mais adequada. Nossa hipótese é de que esta ambiguidade pode ser encontrada nas dificuldades de Kant em fornecer uma prova formal do mal radical e da realidade objetiva de sua superação na figura do Cristo. Tais ambiguidades, além disso, poderiam ser interpretadas como paradoxos, sobre os quais a ortodoxia teológica cristã frequentemente tenta se apoiar.

Palavras-chave: Kant. Religião. Cristologia. Paradoxo. Ortodoxia

Literatura de resistência em Ghassan Kanafani: proposta de uma narrativa.

Ahmed Zoghbi (PPGF/UFS)

O trabalho é uma análise dialógica entre Filosofia, História e Literatura para refletir sobre a condição dos palestinos após 1948, ano da criação do Estado de Israel. Considerado o lar nacional do povo judeu, Israel consolidou-se a partir dos esforços do movimento sionista, com apoio do Império Britânico, que iniciou ainda no começo do século XX um processo de colonização e limpeza étnica das terras da Palestina, gerando consequente

expulsão e massacre da população árabe nativa, fato denominado como Nakba – “catástrofe” em árabe

Palavras-chave: Filosofia. Literatura. Resistência. Ghassan Kanafani. Palestina.

Crítica heideggeriana ao conceito de *substância* cartesiana e a proposta da destruição da ontologia clássica

Breno Valentino Lima Santos (PPGF/UFS)

Em "Ser e Tempo", tratado heideggeriano inacabado, podemos visualizar a proposta de uma ontologia fundamental, que é basicamente a recolocação do sentido de ser, cujo objetivo é pôr nos trilhos a ontologia no mundo contemporâneo. Vê-se que a destruição da história da ontologia tem um papel decisivo para o encaminhamento de todo o restante do projeto; destacando-se até como o momento inicial mais importante. O primeiro ponto a ser destacado pelo filósofo alemão é a atribuição dada à palavra substância, dada como sinônimo para ente e ser. O problema central, destacado por Heidegger, é a falta de acesso ao ente intramundano, que não recebeu a devida atenção de Descartes. Em outras palavras, em Descartes não há uma relação de manualidade entre a presença e o objeto dado a mão, ou uma relação direta em qualquer modo de ser. Como o ser não nos afeta, a determinação a ser utilizada como princípio ontológico passa a ser os atributos relacionadas a ele. Sobre isso, destaca Heidegger, Descartes e Kant estão em comum acordo. Relacionando a sensação ao intelecto, o método cartesiano prevê a proximidade com os objetos intramundanos unicamente através de seus atributos, que, por sua vez, exercem a única via para o acesso daquilo que é constante, isto é para o ser desses entes. A comunicação versará justamente sobre essa relação de destruição da ontologia clássica, destacando as críticas heideggerianas dirigidas a Kant e Descartes, na obra "Ser e tempo" e nos Seminários de 24 e 28 de janeiro de 1964.

Palavras-chave: Heidegger. Ontologia. Descartes. Substância. Filosofia contemporânea.

Linguagem e poder no postulado hobbesiano

Camila Moura de Carvalho (Direito/UFS)

Thomas Hobbes foi um dos primeiros e mais influentes filósofos modernos a constituir uma teoria da origem contratual do Estado. Em virtude disso, sua contribuição no que diz respeito à autoridade política e à liberdade republicana, que se configuram como elementos fundamentais para assegurar a soberania estatal. Nesse sentido, faz-se necessária uma análise mais minuciosa de como esses conceitos são trabalhados na teoria hobbesiana da origem contratual do Estado junto a outras concepções, como por exemplo, o conceito de república e de leis civis. Como premissa de sua teoria, Hobbes criou o postulado do estado de natureza, segundo o qual os homens estavam em constante estado de guerra. Através da análise das bases filosóficas da autoridade política e da liberdade republicana expostas em seu postulado, será possível entender como o pensamento de Hobbes sobre a necessidade humana de proteção pode auxiliar no entendimento da construção do Estado moderno. A partir da contribuição de Quentin Skinner acerca do método na filosofia política, analisamos o desenvolvimento de um método interpretativo na teoria hobbesiana. Com isso, a obra "Razão e retórica na

filosofia de Hobbes" de Skinner foi fundamental para delimitar os diferentes momentos, assim como a mudança no pensamento hobbesiano. Em linhas gerais, o texto fomenta um debate político sobre a concepção hobbesiana de república a partir da noção de autoridade política e de liberdade republicana enquanto essenciais para uma soberania plena, e através dos estudos skinnerianos, problematiza o que continua a ser relevante para nós tratando-se de Hobbes.

Palavras-chave: Autoridade política. Liberdade republicana. Linguagem. Poder. Soberania.

Marx e Engels: a religião como suspiro, ânimo e ópio.

Carlos Alberto Nunes Júnior (PPGF/UFS)

As diversas religiões diferem somente de modo superficial, mas tem um núcleo comum, dito de outro modo, as religiões têm suas distinções somente no campo da aparência, mas essencialmente são similares, possuem uma mesma base ou sentido. Cada religião tem seus dogmas e seus deuses, conseqüentemente possuem as mais variadas formas de cultos, ritos e celebrações; se assemelhando enquanto busca de respostas transcendentais (nos deuses) e no fato de canalizar os sentimentos religiosos dos que acreditam em uma mesma direção. Após essa delimitação do que seria a religião, destaco dois problemas, primeiro que ao buscar ajuda de deus o homem não percebe que esta entidade é uma criação sua, ou seja, somente o homem pode auxiliar-se, mas a alienação impossibilita a percepção de que não há um deus no controle, tem-se na verdade o humano no controle; o outro problema é a ideologia, a religião fornece uma compreensão falsa e invertida da realidade, isto é, um entendimento ideológico da realidade, pois o que é imanente, na religião ganha um sentido transcendente, os problemas reais ganham uma análise mistificada. Deus habita o corte que divide o homem de si, a divindade é o resultado da ação humana de alienar o que tem de melhor e mais virtuoso em algo exterior, atribuindo a essas características o rótulo de infinito e eterno.

Palavras-chave: Alienação. Engels. Ideologia. Marx. Religião.

Beckett e a Sinfonia do Caos na Linguagem

Carlos Roberto dos Santos (PPGF/UFS)

Pretendemos com a presente comunicação trabalhar os aspectos gerais que compõem a obra do escritor irlandês Samuel Beckett, a partir de sua relação com a linguagem na arte e na literatura. Beckett inaugura em sua forma de narrar toda uma noção estética, filosófica e artística, construindo o que podemos entender como "literatura da despavbra", levando a linguagem ao extremo de seu limite, fazendo-a delirar. A partir da implosão das estruturas da linguagem, o autor evidencia a corrosão do sentido e o absurdo da condição humana, construindo daí uma arquitetura de ruínas do que até então compunha os pilares do conhecimento ocidental, que ao fim se esvazia de sentido. Em sua obra estão presentes procedimentos estilísticos indo do cômico ao nonsense, do trágico ao meio riso, quando ao desconstruir as estruturas sintáticas da forma narrativa, o autor ressignifica a ideia de objeto numa significação flutuante. Evidenciamos aqui alguns elementos fundamentais que atravessam sua escrita: a cisão com o cânone literário, o binômio caos ordem, a corrosão do tempo, a desconfiguração do espaço, a decomposição dos personagens e ausência de um sentido posto, inventando uma nova linguagem.

Palavras-chave: Poética. Silêncio. Indiscernibilidade. Imobilidade. Minimalismo.

A ficção especulativa pensada a partir do conceito gadameriano de texto eminente

Cecília Mendonça de Souza Leão Santos (DFL/UFS)

O conceito gadameriano de *texto eminente* tem a finalidade de especificar a natureza de obras literárias que, em oposição aos textos de uso pragmático como cartas, jornais ou relatórios, impõem desafios hermenêuticos peculiares com repercussões filosóficas dignas de exame mais cuidadoso. Dito de outro modo, ao contrário dos textos cujo modo de ser é *Zuhandenheit*, aos textos literários pertence um modo de ser que, em sua origem, reivindica uma validade própria, independente de seu contexto de produção e dos critérios de correspondência entre discurso e realidade. Para Gadamer *texto eminente* é aquele que, separado de seu processo de criação e mesmo das interpretações que lhe são cabíveis, alcança uma autonomia que recusa toda pretensão de esgotamento semântico ou determinação hermenêutica definitiva. De acordo com esta tese, o processo de interpretação realizado por cada leitor de uma obra é essencialmente inseparável do texto literário em si, haja vista que este jamais pode ser exaurido ou transformado em conceitos, pois pertence à sua estrutura ontológica viabilizar e manter abertos caminhos para que o leitor compreenda a si mesmo. *Ficção especulativa*, por sua vez, embora seja um termo cunhado apenas no final da década de 1940 por Robert A. Heinlein e originalmente empregado como sinônimo de “ficção científica”, atualmente têm sido aplicado para categorizar inúmeros subgêneros de ficção que não se limitam a incorporar tecnologias imaginadas, mas incluem elementos fantasiosos, sobrenaturais, utópicos ou distópicos. Apesar da associação com autores notáveis como Octavia Butler, Phillip K. Dick e Margaret Atwood, não há consenso a respeito de quais obras pertenceriam ao gênero literário da ficção especulativa e quais seriam seus traços fundamentais. Neste contexto, o presente trabalho pretende, partindo da hermenêutica filosófica, examinar as relações entre ficção, verdade e realidade que possam ser úteis para inquirir as aproximações e dissonâncias entre obras de ficção especulativa e obras da literatura clássica e, por fim, esboçar uma definição do que seja ficção especulativa.

Palavras-chave: Ficção especulativa. Literatura. Hermenêutica filosófica.

“O Filho Natural” e suas “Conversas”: teatro e poética para uma educação estética

Christine Arndt de Santana (DTE/UFS)

A educação estética, no pensamento diderotiano, é condição *sine qua non* para que seja possível amalgamar as características do esclarecido e do virtuoso em uma mesma pessoa. Em 1757, período extremamente conturbado para Diderot, ele escreve uma peça de teatro intitulada “O Filho Natural” e suas “Conversas” que são a Poética da peça. Esta apresentação tem como objetivos apontar a relação que a peça e a sua poética possuem com o conceito de educação estética diderotiano, uma vez que ao revolucionar a *mise-en-scène* o *Philosophe* pretende colocar em exercício a possibilidade da educação estética. Assim, tratar-se-á, em um primeiro momento, da importância da educação

estética para, em seguida, estabelecer o vínculo necessário entre essa educação e as reformas propostas à representação teatral.

Palavras-chave: Educação Estética. Poética. Teatro.

Clarice Lispector: entre loucura e santidade.

Cicero Cunha Bezerra (PPGF/DFL/UFS/CNPq)

A literatura clariciana, dentre outros aspectos, centra-se na relação entre loucura e santidade. Seus personagens, em sua maioria mulheres, caracterizam-se como figuras que transitam entre uma compreensão de si e de mundo que os tornam possuidores de uma sabedoria que coloca em suspensão a lógica e a ordem dos fatos. Muitas vezes caracterizadas como santas e idiotas, suas personagens, confrontam-se, no entanto, com uma certa noção tradicional religiosa de santidade permitindo, com isso, a construção de uma narrativa em que a idiotice e a santidade convergem em uma experiência da liberdade que, enquanto tal, expressa o mundo, o ser humano e Deus na comum condição de inapreensibilidade e ruptura com os valores que norteiam os âmbitos do sagrado e do profano. Nosso trabalho tem como objetivo, pensar a figura de Macabeia em consonância com a personagem Salê, da *história Lausíaca* de Palladio, como paradigma para uma aproximação entre literatura, religião e filosofia.

Palavras-Chave: Clarice Lispector. Filosofia. Literatura. Loucura. Santidade.

As flores do nada: O niilismo de Nietzsche no jardim de Baudelaire

Cléberton Luiz Gomes Barboza (PPGF/UFS)

O presente trabalho tem por objetivo investigar a presença do niilismo, tal como pensado por Nietzsche, na poesia de Baudelaire. A afirmação de Nietzsche, segundo a qual o niilismo é a desvalorização dos valores supremos, denota um movimento interno da racionalidade ocidental, cujo ímpeto pela verdade carrega consigo também o ímpeto de uma crítica diluidora, levando ao aniquilamento de todas as verdades criadas e erguidas pela própria razão, até que a força criadora, esquecida de si, perde potência até o nada de sentido. Tal movimento alcança sua expressão máxima com a morte de Deus, isto é, a queda dos valores metafísicos e da interpretação da existência até então. Esperamos identificar que Baudelaire, décadas antes de Nietzsche, embora não se utilize da palavra ou do conceito de niilismo, apresenta, na estrutura de "As Flores do Mal", a desvalorização dos valores, posta como queda do mundo idílico. Organizado em seis capítulos, "Spleen e Ideal", "Quadros Parisienses", "O Vinho", "Flores do Mal", "Revolta" e "A Morte", os poemas rodeiam a atmosfera do ideal corroído pelo spleen, a melancolia da qual o eu lírico busca fugir ou superar, tentando encontrar beleza na mundanidade da vida urbana, nas artes e nos paraísos artificiais, representados pelo vinho. Em vão. Revolta-se e por fim entrega-se aos jogos de Satã, sucumbindo na corrosão do spleen. A poesia baudelaireana, profundamente marcada pela experiência do poeta com o mundo moderno, traduz a diluição de valores na modernidade, precisamente o momento da experiência ocidental que Nietzsche reconheceu como a morte de Deus.

Palavras-chave: Nietzsche. Baudelaire. Modernidade. Niilismo.

A essência do homem segundo Max Scheler

Cleibson Américo da Silva (PPGF/UFS)

Max Scheler em seu livro “A situação do homem no cosmos” retomou uma antiga indagação filosófica: “o que é o homem e qual é a sua situação no ser?”. Sem desconsiderar as definições e conceitos antropológicos que o precederam - do homem enquanto ser de linguagem, de racionalidade, de bio-psiquê, etc. - Scheler acrescentou outro elemento, que não raro, passou despercebido na tradição filosófica, mas que abarca diversas dimensões do ser humano, como a racionalidade, a volitividade, a intuição, as emoções etc., e que, por meio dele, o homem pode dar sentido a sua vida e ao mundo a seu redor; a esse elemento, Scheler dá o nome de espírito (*Geist*). Na antropologia filosófica elaborada por Max Scheler, a dimensão espiritual ocupa um lugar central, já que ela é a única realidade que verdadeiramente distingue o homem de todas as outras espécies animais. Com efeito, para Scheler, é por meio do espírito que o ser humano é capaz de amar, perdoar, encontrar sentido para sua vida, entrar em comunhão com a divindade, ter sentimentos religiosos, valores morais, etc. Assim, quando cada ser humano vai além da contingência e da racionalidade, ele adentra em sua dimensão mais específica e distintiva, que é o espírito. Esse elemento é, para Max Scheler, o distintivo e o especificamente humano. Contudo, para ele, as conceituações antropológicas de racionalidade, linguagem, biologia, sociabilidade etc., permanecem legítimas, porém a elas deve estar somada a dimensão espiritual.

Palavras-Chave: Max Scheler. Antropologia Filosófica. Espírito.

A ação e o tempo: o hábito em "Esperando Godot"

Daniel Donato Ribeiro (UFABC)

Na filosofia bergsoniana, as intencionalidades da inteligência direcionam nossa ação sob o real, ela volta nossa consciência para o agir interessado de modo que a inteligência nos conduz à exterioridade. Ela guia a ação no espaço, tal como um mecanismo que se desenrola repetitivamente. O hábito, com origem na inteligência, aparece justamente por esse desenrolar do agir pragmático e interessado sob o real, do qual o automatismo é necessariamente uma consequência. Esse modo de ação, segundo Bergson, é justamente o que impõe resistência à nossa apreensão da duração pura. Dada a sua centralidade, cabe num primeiro momento delinear o conceito de inteligência, tal como aparece na obra “A evolução criadora”. A partir disso, iremos apresentar como esse desenrolar do hábito poderia ser identificado em “Esperando Godot” de Samuel Beckett, à luz do conceito bergsoniano. Sugerimos na leitura da peça que o hábito é justamente o que engata o ritmo temporal vivenciado pelos personagens que, embora agitado na sua superfície, é pobre em mudanças reais. Destacamos, todavia, que o mecanismo e as imposições da inteligência são superficiais e seria preciso nos voltarmos para a noção real de temporalidade na peça. Por essa chave de leitura de “Esperando Godot”, é destacada a inflação do hábito na narrativa e o modo como ela impõe limitações à experiência do tempo vivenciada pelos personagens. Por fim, buscaremos sugerir como o problema da duplicidade do tempo aparece em “Esperando Godot”.

Palavras-chave: Beckett. Bergson. Duração. Hábito.

Benjamin e Freud: faculdade mimética, corpo e psicanálise

Daniel Francisco dos Santos (PPGF-UFS)

A visada psicanalítica da cognição, que implica a teoria dos sonhos, memória e a dinâmica da consciência e do inconsciente permite, a partir de duas perspectivas sobre o “corpo”, a investigação do que Walter Benjamin denominou por faculdade mimética. Para Weigel, a produção das semelhanças extrassensíveis que aquela faculdade concede só é possível em face do conceito de distorção, que permeia a perspectiva freudiana de cognição. A coletânea de imagens apresentadas em “A infância em Berlim por volta de 1900” delineiam traços de memória que apontam para cadeias de associações compostas por cenas, nomes e palavras e que são elaboradas a partir de uma infinidade de semelhanças. Porém, a tais semelhanças não cabe à percepção a partir dos órgãos dos sentidos, e sim a percepção das constelações e figuras que formam o arquivo de semelhanças extrassensíveis, como o filósofo postulou na “Doutrina das semelhanças”. Com efeito, aquelas imagens que remodelam os traços de memória, são concebidas a partir do que Benjamin, a partir da herança neurológica e psicanalítica, considerou por inervação, no corpo, de tais imagens. Para Rouanet, a investigação da sintomatologia histérica, que Freud apresenta em “Estudos sobre a Histeria”, possibilita concebermos o corpo como expressão mimética. Ao considerar as palavras como coisas, tal como o processo de condensação dos sonhos, irrompe-se assim mais uma perspectiva que liga corpo, mimeses e psicanálise. Portanto, é com base neste panorama que o presente texto tem por objetivo apresentar a relação entre os conceitos de corpo, mimeses e inconsciente com o intento de formular uma perspectiva de sujeito partilhada entre os pensamentos de Walter Benjamin e Freud.

Palavras-chave: Benjamin. Freud. Corpo. Mimeses. Inconsciente.

Escrever a morte para sobreviver: uma literatura suicida em Sérgio Sant’anna

Danielle Santos Rodrigues (PPGL/UFS)

Nossa pesquisa analisa a produção contística do escritor carioca Sérgio Sant’Anna, de modo particular, as narrativas em que o suicídio se faz presente. Tal temática é abordada constantemente na obra desse autor. Em nossas leituras, elencamos, em 11 livros de contos, publicados entre 1973 e 2017, um total de 38 contos que tratam o suicídio de forma direta ou indireta, apresentando-o de diversas formas, haja vista o caráter experimental e instável que norteia a produção de Sérgio Sant’Anna. Neste estudo, exploramos a ideia de que há uma vinculação entre o suicídio e a ideia de salvação, pois, em alguns contos, há personagens-escritores angustiados diante da impossibilidade da escrita, eles escrevem para sobreviver, para se salvar do suicídio ou se salvar pelo suicídio, neste caso, é escrevendo sobre o matar-se que o escritor se livra da morte anunciada pela temível página em branco. Sem escrita, não há vida. De modo semelhante, na esteira da autoficção, o próprio Sérgio Sant’Anna escreve a morte para sobreviver, como é possível notar no conto “A barca da noite” (2003), em que o autor ficcionaliza sua própria tentativa de suicídio. No que concerne ao referencial teórico, nos amparamos, principalmente, nas ideias de Theodor Adorno (1970); Susan Sontag (1967), Byung-Chul Han (2019), Iris Murdoch (1972) e Giorgio Agamben (2018).

Palavras-Chave: Contos. Sérgio Sant’Anna. Suicídio. Salvação.

Édipo sob a lente de Foucault: que complexo?

Dante Andrade Santos (DPS/UFS)

O objetivo deste trabalho é analisar a interpretação que Foucault apresenta de Édipo, célebre personagem da tragédia grega, na segunda conferência do livro *A verdade e as formas jurídicas*. Tendo em vista o papel que a tragédia de Sófocles desempenhou na formulação do conceito de “Complexo de Édipo”, conceito central da obra de Freud, destacaremos a singularidade da interpretação foucaultiana diante da leitura freudiana. Não obstante, nossa hipótese é que o interesse de Foucault pela história de Édipo não se reduz à tentativa de contestar a interpretação psicanalítica, isto é, não se trata apenas de esboçar uma divergência do ponto de vista da exegese do texto grego. Tentaremos mostrar que a análise da tragédia de Sófocles é o mote para a formulação de uma agenda de pesquisa genealógica.

Palavras-chave: Foucault. Édipo. Genealogia. Psicanálise. Tragédia.

Kant e as inconsiderações da razão

Edmilson Menezes (DFL/PPGF/UFS/CNPq)

A razão não deixa de construir sistemas metafísicos porque sua vocação própria é buscar unificar incessantemente, mesmo fora de toda experiência possível. Essa tendência a extrapolar o condicionado leva o autor da “Crítica da Razão Pura” a preocupar-se em estabelecer e investigar, cuidadosamente, as fronteiras entre o ultrapassamento legítimo da razão e o descontrole que nela pode operar. Em outras palavras, há um alcance que separa a razão da loucura e Kant possui algumas contribuições importantes para o debate acerca do nexos entre aqueles dois pólos: é o caso do “Ensaio sobre as doenças mentais” (1764). Nesse texto, descortina-se a possibilidade de assenhorear-se teoricamente da loucura na relação que sustenta com a vida em sociedade. Nessa direção, o objetivo da comunicação é apresentar e discutir o seguinte problema: a reflexão kantiana sobre a ambiguidade dos caracteres humanos, sempre ameaçados de degenerarem em loucura, e ainda mais, à medida que se desdobram na ordem dos pensamentos, expressa um ponto de tensão importante entre o desenvolvimento conjunto do estado de sociedade e os transtornos do espírito.

Palavras-chave: Kant. Razão. Loucura. Doenças mentais. Sociedade.

Crítica em Kant e no romantismo de Iena

Everaldo Vanderlei de Oliveira (DFL/PPGF/UFS)

Walter Benjamin estabeleceu em paralelo os feitos de Kant na filosofia teórica e aqueles dos românticos em estética. Ambos dominaram o dogmatismo, mas em âmbitos diferentes. Os primeiros-românticos teriam colaborado para elevar a teoria da arte ao patamar crítico, ou, o que é o mesmo, agiram para consolidar o espírito kantiano em estética. Esse paralelo é sugerido não só pelo uso, por parte dos românticos, do *terminus technicus* “crítica”, mas também o de heteronomia, autonomia e imanência, por exemplo. Com este ponto de partida em Walter Benjamin, pretende-se explorar as relações entre a crítica kantiana e a concepção primeiro-romântica de crítica de arte.

Palavras-chave: Crítica. Benjamin. Kant. Romantismo. Estética.

A Morte Caetana e o orgasmo divinal: um olhar foucaultiano acerca da questão da sexualidade na literatura de Ariano Suassuna.

Ewerton Matheus Menezes Sousa Brito (PROHIS/UFS)

A presente comunicação busca analisar a forma como a personificação da morte, o masculino e o feminino são representados nas obras de Ariano Suassuna, principalmente em "O Romance d'A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta" e "História d'O Rei Degolado nas caatingas do sertão". Mediante a leitura e crítica da ordem discurso acerca da sexualidade de Michel Foucault, observamos como a relação entre Eros (sexo) e Thanatos (morte), personificada na obra como a Moça Caetana e em sua transformação em Onça Caetana, é parte integrante de uma longa mentalidade acerca do discurso das sexualidades, um mundo separado em uma relação conflituosa entre o masculino e o feminino. Nosso objetivo nessa pesquisa, ainda embrionária, é promover um debate sobre a questão do gênero e a sua íntima relação com uma microfísica do poder, a partir de uma ordem do discurso projetado pela literatura armorial de Suassuna em plena Ditadura Civil Militar. O sertão de Suassuna, espaço que não pode ser compreendido apenas em sua dimensão geográfica, visto que sua categoria espacial é acima de tudo cultural, possui na personificação da morte uma chave de entendimento de todo um universo que caracteriza a sexualidade como mecanismo de compreensão da ação humana.

Palavras-chave: Ariano Suassuna. A Morte Caetana. Discurso de gênero. Literatura.

Por uma filosofia política no cinema de Elia Suleiman

Geraldo Campos (DRI-UFS)

A palestra busca bordar os filmes do cineasta palestino Elia Suleiman a partir da moldura teórica do cinema mundial contemporâneo (especialmente no que diz respeito às tentativas de delimitar os contornos de suas vertentes mais periféricas) e da articulação entre a sua estética e os contextos políticos e sociais que eles refletem. Uma das nossas hipóteses iniciais é que a política encampada por Suleiman escapa às categorizações usuais do cinema político através da ironia, do nonsense e do burlesco face ao horror do contexto palestino. Tais elementos reconfiguram a própria noção de política no cinema: Suleiman opta pela singularidade, pelo absurdo e pelo inusitado que emergem do real, que brotam desse árido cotidiano sem esperança dos territórios ocupados e que dão forma à complexidade da situação - tanto que essa forma se revela necessariamente híbrida, ambígua e desconcertante.

Palavras-chave: Cinema. Palestina. Política. Estética. Filosofia.

A alteridade em Hannah Arendt: uma análise da obra "Eichmann em Jerusalém"

Henry Augusto de Souza Mendonça Morais (PPGF/UFS)

Hannah Arendt fora contratada em 1961 pelo jornal The New Yorker para ser a correspondente responsável pela publicação de um artigo sobre o julgamento de Eichmann. Entretanto, desde o início do julgamento ela percebeu que havia algo diferente naquele personagem histórico. Nele não havia um mal radical, como primeiramente ela concebeu a maldade na época nazista. Nele havia um mal banal. A partir dessa percepção, ela construiu uma tese sobre a banalidade do mal, a qual parece advir de três fatores: a

superficialidade dos agentes, a superfluidade das vítimas e a total incapacidade de perceber qualquer coisa do ponto de vista de outra pessoa. Durante o julgamento, Arendt percebeu que a superfluidade era evidente no uso de jargões e de frases clichês, a superfluidade das vítimas era a coisificação construída pelos soldados nazistas para com suas vítimas, que não possuíam rostos e nomes. Eram apenas números em um relatório. No presente trabalho, defendemos que a alteridade é o fio condutor de ambos fatores outrora mencionados. A incapacidade de possuir alteridade é percebida pela incapacidade de reflexão. A incapacidade de refletir sobre o ponto de vista do outro é o que origina a incapacidade de observar e perceber que o outro, seja como detentor de direitos civis básicos ou de através de uma autorreflexão capaz de perceber a inutilidade de suas frases clichês tão cruelmente ensinada nas escolas e nas propagandas nazistas. O objetivo desse trabalho é analisar a influência da alteridade na concepção de banalidade do mal.

Palavras-chave: Eichmann. Hannah Arendt. Banalidade do mal. Alteridade. Mal.

O comércio segundo Tomás de Aquino

Igor Ferreira Fontes (PPGF/UFS)

Esta comunicação tem por objetivo expor o pensamento de Tomás de Aquino acerca do comércio e constitui uma parte da pesquisa atualmente em desenvolvimento no mestrado, com apoio da CAPES. Considerando que o autor recorre às reflexões aristotélicas sobre o tema para a partir delas fazer suas considerações, pretende-se primeiro abordar, brevemente, as partes do pensamento aristotélico referentes ao comércio que mais aparecem nos textos de Tomás de Aquino para, em seguida, adentrar na reflexão tomista. Aristóteles, ao discorrer sobre a questão da relação entre economia e crematística, argumenta que esta foi deslocada de seu papel de arte pertencente à economia e foi transformada num fim em si mesmo, de modo que o comércio se tornou uma atividade cujo princípio e fim seria o dinheiro – o que seria contrário à natureza. Tomás de Aquino retomará esse argumento e defenderá que, apesar de o comércio ser uma atividade frequentemente acompanhada de vícios e pecados (o que resultaria em ser mais seguro a um reino proibir a realização de tal atividade), é possível lhe dar um fim louvável e torná-lo legítimo, caso a crematística volte a ser uma arte inferior à economia e o acúmulo de grandes somas de dinheiro não seja mais tomado como o fim do comércio. A metodologia a ser usada para esta pesquisa é a estruturalista e as obras utilizadas são: de Aristóteles, a "Política"; de Tomás de Aquino, os "Comentários à Política de Aristóteles", o "De Regimine Principum", e a "Suma Teológica".

Palavras-chave: Comércio. Aristóteles. Tomás de Aquino. Crematística. Economia.

O imperativo ético levinasiano da responsabilidade

Iuri Ribeiro dos Santos (PPGF/UFS)

O que pretendemos com este breve ensaio é realizar uma abordagem a partir da temática do imperativo ético levinasiano da responsabilidade. Para isso, temos como objetivo apresentar a proposta da ética da alteridade do filósofo franco-lituano Emmanuel Lévinas (1906 - 1995), baseados principalmente nos seus livros "Totalidade e Infinito" (1961), "Autrement qu'etré au della l'essance" (1974); "Ética e Infinito" (1982) e "Deus, a Morte e o Tempo" (1993). Seu pensamento filosófico consiste em retirar a ontologia clássica de

seu primado e colocar em seu lugar a Ética como filosofia primeira. Para tal intento, o autor nos apresenta alguns conceitos fundamentais, a saber: *alteridade, subjetividade, infinito, responsabilidade e ética*. O tema da alteridade é marcado pela subjetividade, no qual o Eu [Mesmo] em sua totalidade não pode suplantar o Ser do Outro [*alter*] em sua infinitude. O Outro ao compreender-se em seu *status* metafísico é chamado a responsabilidade. Tornamo-nos responsáveis pelo outrem que é um ser igual a mim e ao mesmo tempo diferente, no qual não posso abarcar em sua (in)finitude.

Palavras-chave: Ética. Alteridade. Subjetividade. Responsabilidade. Filosofia.

“1984”, o gênero distópico e a relação pensamento-linguagem

Jameson Thiago Farias Silva (PPGF/UFS)

Este trabalho tem por objetivo propor a interrelação forma-tema como condição para uma análise da obra literária integral, que não é alvo das análises iconológicas tradicionais nem se esgota na enumeração dos elementos formais que a compõem. Tomaremos como campo privilegiado de nossa discussão o gênero literário distópico, em especial a Parte I de “1984”, de George Orwell/Eric Blair, assim como seus artigos para o jornal inglês Observer. Pretendemos demonstrar que é a própria relação necessária entre fala e consciência, entre linguagem e pensamento, que serve de fundamento para a literatura distópica, literatura esta que não apenas conta, simula e explica um futuro hipotético, mas o manifesta ao leitor através de uma experiência expressiva, imediata. Através da maquinação de temas absurdos e de formas literárias próprias, o texto distópico leva o seu leitor a executar uma leitura não apenas sobre a palavra impressa, mas também sobre o tempo presente. Serão usados como marco teórico, para esta discussão, a distinção constataativos-performativos de John Austin e a concepção dos signos como instrumentos intelectuais de Lev Vygotsky, que nos levarão a concluir que a atividade de leitura e de escrita podem e devem ser uma ampliação libertária da linguagem e do pensamento.

Palavras-chave: Crítica literária. Distopia. George Orwell. John Austin. Lev Vygotsky.

A literatura como meio de *tradutibilidade* filosófica do real em romances de Ítalo Calvino e Pier Paolo Pasolini

Jarbas Maurício Gomes (IFAL)

A presente comunicação explora a relação entre filosofia e literatura a partir da análise dos romances "A especulação Imobiliária" (1957) e "Petróleo" (1992), de autoria dos romancistas italianos Ítalo Calvino e Pier Paolo Pasolini respectivamente. Fundamentada nas proposições de Antonio Gramsci sobre a *tradutibilidade* filosófica das experiências sociais, políticas e econômicas, a análise busca demonstrar como estes romancistas italianos usam da literatura para desenvolver uma crítica à concepção de mundo hegemônica e, ao mesmo tempo, demonstrar as relações entre o sujeito e a realidade em suas diferentes dimensões. Os autores apresentam os personagens Quinto Anfonso e Carlo Valetti, homens que se relacionam com os fundamentos econômicos da sociedade capitalista de seu tempo, um com *boom* econômico da especulação imobiliária e o outro na exploração dos combustíveis fósseis. Ambos vivem o conflito existencial experimentado pela imersão no mundo do capital e que os levou a perder a própria consciência de si, colocando em dúvida suas concepções éticas e estéticas e obrigando-os a desenvolver uma profunda reflexão filosófica sobre aquilo que o homem é, sobre suas

relações com a natureza e, sobretudo, sobre o tipo (modelo) de sociedade que estavam ajudando a construir. Pela literatura os autores procuram traduzir diferentes concepções de mundo, conduzindo os leitores à análise sobre as estruturas do capitalismo e de como ele ressignificou as relações sociais, políticas e econômicas direcionando os processos de desenvolvimento científico e tecnológico, a relação do homem com o meio ambiente e as próprias relações de trabalho.

Palavras-chave: Filosofia. Literatura. Tradutibilidade. Concepção de mundo. Consciência-de-si.

Adélia Prado: Filosofia, religião e literatura

José Antônio Santos de Oliveira (PPGF/UFS)

Esta comunicação tem como finalidade refletir, a partir da hermenêutica de John. D. Caputo (1940 -), a noção de Deus como *Acontecimento* em conexão com obra de Adélia Prado (1935 -). Dito de outro modo, buscaremos compreender em que medida filosofia, religião e literatura se ligam a uma experiência de mundo através da linguagem poética que *des-vela* a irredutibilidade de Deus em seu aspecto acontecimental. Para tanto, dividiremos nossa comunicação em dois momentos: no primeiro, trataremos de uma filosofia e uma teologia do *Acontecimento* propostas por J. Caputo. No segundo, analisaremos, a partir do conto *De afrodísíacos*, do livro de *Filandras* (2001), como Adélia Prado relaciona *Deus e Acontecimento* em seu aspecto ordinário e cotidiano.

Palavras-chave: Acontecimento. Deus. Cotidiano. Adélia Prado. John Caputo.

Literatura e Filosofia em sala de aula: exercitando o sentimento de empatia

José Rafael Santana Valadão (Letras/UFS)

O objetivo desta comunicação é mostrar como o exercício da empatia, um dos objetivos da Nova Base Comum Curricular (BNCC) do Ensino Básico, pode se tornar realidade através do ensino da Literatura e da Filosofia. Acreditamos que a experiência literária e a análise estético-filosófica contribuem para isso. Com a leitura de um romance como *Angústia*, de Graciliano Ramos, por exemplo, os estudantes se colocariam na posição do narrador, experimentariam sua angústia, e tornar-se-iam confidentes do mesmo. A Filosofia, por seu turno, possibilitaria o entendimento de que a estética da obra é um dispositivo fundamental para que tal aproximação aconteça.

Palavras-chave: Literatura. Filosofia. Estética. Empatia. Ensino.

Medusa: uma leitura sobre a culpabilização e objetificação da mulher através do mito

Lorena Gomes Freitas de Castro (PPGL/UFS) e Isis Gabrielle Silva da Penha (Letras/UFS)

Na versão de Ovídio, Medusa era uma bela sacerdotisa do templo de Atena que fora violentada por Poseidon, o Senhor dos Mares. Essa versão, aparentemente, menos

conhecida, logra profícua reflexão no que tange à representação da figura feminina da Medusa sobre culpabilização e objetificação da mulher através do mito. Discutimos, a partir desta versão literária, o discurso de verdade que incide sobre a personagem e, por extensão, às mulheres enquanto ferramenta de exclusão e instrumentos de poder que repercutem através dos mitos enquanto gêneros discursivos. Analisamos textual e discursivamente como esse gênero e as versões dos mitos operam nas interações sociais a fim de reiterar violências ancoradas, desde sempre, na lógica do patriarcado. Este dispositivo de poder, ou seja, essa ferramenta de dominação masculina, precisa ser revista nas mais diversas áreas do conhecimento e dimensões, sejam instituições, ações, comportamentos, textos e discursos a fim de desconstruir essas relações simbólicas de poder. Percebendo Medusa, nesta versão, como objeto de discurso, analisamos, orientadas pelo contra-dispositivo do feminismo, o texto cuja versão mostra que Medusa não é o terror, porém dele nasceu em função da violência infringida pelo deus. Com fins de contemplar esse diálogo entre a filosofia, literatura e linguística, valemo-nos de leituras tais quais Tiburi (2018), Foucault (2004), Teles e Melo (2012), Mondada e Dubois (2003), Saffioti (2015), dentre outros de igual importância.

Palavras-chave: Mulheres. Ovídio. Medusa. Literatura. Filosofia.

O perdão além da religião: uma análise a partir de Hannah Arendt e Paul Ricoeur

Luciana Leonardo Ribeiro Silva de Araújo (PRODIR/UFS)

Segundo Hannah Arendt em "A Condição Humana", a ação, condição humana da pluralidade, tem duas características principais: a imprevisibilidade e a irreversibilidade. É impossível prever as consequências das ações do homem e, uma vez executada, a ação torna-se irreversível – não sendo possível desfazer o que está feito. Assim, as relações sociais são permeadas por incerteza e insegurança, o que gera, muitas vezes, conflitos entre seres humanos distintos. O antídoto para a imprevisibilidade seria a capacidade de prometer e cumprir a promessa, ao passo que o remédio para a irreversibilidade da ação seria o perdão. O primeiro elemento se traduz no *pacta sunt servanda*, que foi amplamente estudado pelas ciências sociais, em especial pelo direito; por sua vez, o perdão, por ter uma conotação religiosa, foi relegado a segundo plano pelas humanidades. O perdão, para Arendt, tem um sentido ativo, pois proporcionaria um novo agir ao ser humano, libertando tanto quem perdoa quanto quem é perdoado. Em contrapartida, Paul Ricoeur atribui um significado mais passivo ao perdão, conceituando-o como excesso de dom e de dádiva atribuído àquele que perdoa, afirmando, ainda, que o ato de perdoar é um ato de reconhecimento, que exige memória e responsabilidade, sendo completamente oposto ao esquecimento, que é justamente a concepção leiga que se tem do perdão. Neste sentido, a presente proposta de comunicação visa delinear as características do perdão, ressaltando-o como importante categoria filosófica, compreendendo sua possível contribuição para a resolução consensual de conflitos.

Palavras-chave: Ação. Promessa. Perdão.

Filosofia e Literatura em Relação: um diálogo filopoético com Édouard Glissant

Luís Carlos Ferreira dos Santos (Rede Unirb/Salvador)

A comunicação tem como objetivo fazer um convite à discussão do livro “O quarto século” de Édouard Glissant. Para isso, busca trazer o debate da sua filosofia desde a relação com a sua literatura. Pretende-se compreender esta relação a partir do conceito da filopoética e defender a filopoética como aquela que traz o entendimento de um conhecimento forjado pelas suas paisagens, pelo tremor e trepidação do mundo. Pode-se inferir que pensar na relação filopoética de Glissant é ser lançado no imprevisível e no diverso utópico dos povos que virão. A filopoética é utopia.

Palavras-chave: Édouard Glissant. Filopoética. Relação. O quarto Século.

Filosofia, literatura e descrença no "Diálogo entre um padre e um moribundo" do Marquês de Sade

Marcelo de Sant'Anna Alves Primo (PPGF/CODAP/UFS)

Que Sade foi um filósofo, literato e ateu não se tem a menor dúvida. Contudo, como se mostram essas três facetas do marquês em seu texto inaugural "Diálogo entre um padre e um moribundo", de 1782? Através do estilo e estrutura clássicos do diálogo, o escritor desfere contundentes ataques, ambientado em uma alcova, à exploração do medo nos homens pelos cristãos no momento da morte, e, conseqüentemente, recusa a existência de deus quando opõe a razão e os sentidos às quimeras religiosas. Contudo, Sade vai muito mais além do que usar a arte do diálogo filosófico para encarar *tête-à-tête* os dogmas da religião: a defesa de uma postura serena diante da morte não significa ficar somente no plano do discurso, já que o subverte introduzindo a ação em vez de explicar através de conceitos o que seria a natureza corrompida do homem. Nesse sentido, o "Diálogo" passa dos limites de uma simples manifestação literária do materialismo sadeano sendo, na verdade, um autêntico escrito de resistência que, tendo como marco inicial o desamparo do homem, afirma o corpo para superá-lo explorando os prazeres corporais ao extremo.

Palavras-chave: Sade. Filosofia. Literatura. Ateísmo. Diálogo.

A corporeidade como centro da filosofia política de Marx: aprofundamentos estéticos

Márcia dos Santos Fontes (PPGF/UFRN)

Esta proposta tem como objeto de investigação a presença da corporeidade na filosofia de Marx a partir de uma perspectiva estética. A premissa da qual partimos está localizada nos "Manuscritos Econômicos-Filosóficos de 1844", onde Marx apresenta uma teoria materialista histórico-dialética da produção da corporeidade humana. Nesta, o corpo é apresentado como ativo, trabalhador, automediador e como uma unidade autoconstituente com o objeto que ele cria em sua omnilateralidade mediando a necessidade e a natureza. Essa concepção de corpo é central para compreender a análise crítica exposta em "O Capital", na qual esse corpo aparece expropriado ou ferido em suas extensões para a automediação – a terra e as ferramentas – quanto em sua riqueza sensível. A apresentação estará dividida em três momentos: no primeiro, partindo de uma estética enquanto teoria da corporeidade e dos sentidos humanos, investigaremos a forma como a temática da corporeidade aparece no pensamento de Marx. No segundo, analisaremos sob o enfoque de uma estética representacional, como o capital se apresenta

como ausência de similaridade entre Forma e Conteúdo, tomando como medida a própria corporeidade que é sua substância. Na terceira, analisaremos a significação do objeto artístico nas obras de Marx enquanto criação em conformidade com a riqueza sensível omnilateral humana. Com isso, esperamos mostrar que a análise do corpo constitui uma importante temática para as reflexões sobre a produção capitalista e é de ampla relevância para compreendermos o projeto político que perpassa o conjunto das obras marxianas, que tem na corporeidade humana, seguindo um percurso dialético, seu ponto de partida e de chegada.

Palavras-chave: Corporeidade. Capital. Marx. Estética. Filosofia.

A estética de Hegel diante de sua época

Marco Aurélio Werle (DFL/USP)

Trata-se de desenvolver alguns tópicos situados no âmbito da fundamentação da estética como disciplina filosófica, cujo pano de fundo ou ponto de fuga é a proposta sistemática da estética de Hegel, na relação com o romantismo (*Doutrina da arte* de August Schlegel), o pré-romantismo (Herder) e o classicismo de Weimar (Goethe e Schiller). O fio condutor desse retorno aos fundamentos do surgimento da estética moderna, da qual Hegel é tributário, passa pela articulação entre as categorias da *teoria da arte*, da *crítica de arte* e da *história da arte*. Quem colocou explicitamente o problema foi August Schlegel, mas quem pela primeira vez mobilizou essas noções foi Herder, no debate com Baumgarten (teoria), Lessing (crítica) e Winckelmann (história da arte), em suas chamadas *Florestas críticas*. Há no pensamento de Herder uma forte convicção de que a disciplina de estética, enquanto uma nova forma de teoria, necessita do auxílio de elementos oriundos da história da arte e da crítica de arte, de modo que o próprio artista ou poeta, em sua liberdade criadora, possa alcançar expressão em suas produções. Esse é precisamente o assunto das chamadas *Florestas críticas*. Nos *Cursos de estética* de Hegel, apenas a título de informação, está presente essa visão mais ampla de estética, a saber, a teoria da arte, a história da arte e a crítica de arte encontram-se na base da tríade concernente ao belo ou ao ideal (teoria), às formas de arte simbólica, clássica e romântica (história da arte) e ao sistema das artes particulares: arquitetura, escultura, pintura, música e poesia (assunto da crítica de arte).

Palavras-chave: Filosofia. Estética. Hegel. Arte. Crítica de arte.

O Leibniz de Deleuze: 1969 e 1988

Marcos Deyvinson Ferreira Damacena (PPGF-UFS)

Na obra de Deleuze (1925-1995), há dois momentos, pelo menos, nos quais Leibniz (1646-1716) é central: "Lógica do Sentido" (1969) e "A Dobra: Leibniz e o Barroco" (1988). Em ambos os livros, Deleuze busca a noção de Mônada, presente na obra de Leibniz, para sua

filosofia do sujeito. Ele busca, a partir da Mônada de Leibniz, alcançar algo que denominou de singularidade pré-individual. Em uma primeira leitura, Deleuze parece divergir, em 1988, da sua leitura feita em 1969. A partir das leituras da "Lógica do Sentido" (1969), com ênfase na "Décima Sexta Série: Da Gênese Estática Ontológica", e das Partes I e II de "A Dobra", buscaremos analisar se houve mudanças de leitura, de fato, e quais foram elas, em caso de havê-las. O método pensado para empreender tal objetivo foi a leitura estrutural seguida de comparação entre os conceitos em comum, além de explicitação de conceitos novos que surgirem. A hipótese inicial é a de que ao menos o conceito que ocupava o lugar de "singularidade pré-individual" na filosofia de Deleuze tenha mudado até 1988. Ao final da análise, pretendemos estabelecer, não somente se há ou não dois momentos da interpretação que Deleuze faz de Leibniz, mas pretendemos também dizer se há dois momentos da filosofia do próprio Deleuze, já que a filosofia de Leibniz é um ponto central da filosofia do sujeito de Deleuze. Por fim, faz-se necessário dizer que esta comunicação faz parte do início de uma investigação sobre a obra de Deleuze com ênfase, nesse primeiro momento, em sua filosofia do sujeito.

Palavras-chave: Mônada. Pré-individual. Lógica do Sentido. A dobra. Filosofia.

Hume e o debate acerca da autenticidade dos poemas de Ossian

Marcos Fonseca Ribeiro Balieiro (DFL/PPGF/UFS)

Em 1760, James Macpherson publicou "Fragments of ancient poetry, collected in the Highlands of Scotland, and translated from the Gaelic or Erse language". Como o próprio título indica, a obra foi apresentada como sendo um conjunto de traduções de poemas tradicionais, transmitidos por tradição oral. Posteriormente, o suposto tradutor alegou ter recebido manuscritos que continham outros poemas e, em 1761, viria a divulgar que encontrara um grande épico acerca das aventuras de um antigo herói chamado Fingal, escrito por Ossian, filho deste. Nos anos seguintes, Macpherson publicou esses textos, supostamente traduzidos do antigo gaélico. Em 1765, eles foram reunidos em uma coletânea, intitulada "The Works of Ossian". Seguiu-se, então, um debate bastante acalorado acerca da autenticidade do material divulgado por Macpherson, o qual dizia respeito não apenas aos aspectos literários dos poemas, mas, também, à eventual contribuição que eles poderiam trazer para o estabelecimento de algo como uma identidade nacional escocesa. Apresentaremos, em nossa exposição, algumas considerações acerca do posicionamento adotado por David Hume nesse debate. O filósofo, inicialmente, aceitou como verdadeiras as alegações de Macpherson acerca das origens antigas dos poemas que publicara. Posteriormente, passou a questionar a possibilidade de que eles tivessem surgido em uma sociedade de costumes praticamente bárbaros, já que, entre outros fatores, retratavam maneiras que seriam eminentemente modernas. Partiremos desse ponto para mostrar em que medida essa mudança de posição permite clarificar aspectos importantes do modo como Hume concebeu o processo de estabelecimento da polidez moderna

Palavras-chave: Hume. Ossian. Poesia. Polidez. Modernidade.

Os Vingadores (The Avengers): Entre a subjugação e a resistência, o poder, a verdade, a subjetivação

Maria Emília de Rodat de Aguiar Barreto (PPGL/UFS)

Esta apresentação resulta de estudos pós-doutorais, nos quais analisamos discursivamente a filmografia “Vingadores”. Nesta comunicação, apresentamos análises de “Vingadores: The Avengers”, o sétimo filme, dentre vinte e três, no Universo Cinematográfico Marvel(UCM); compostos pelo entrelaçamento de enredos, personagens, espaços. Neste Universo, construído em onze anos, a utopia contrapõe-se à distopia; violência, à paz; subjugação, à resistência. Analisamos oito sequências enunciativas, ancoradas no estudo da Mídia Cinematográfica, enquanto um dispositivo discursivo de poder (DELEUZE, FOUCAULT, GREGOLIN); da análise arqueogenealógica do discurso (FOUCAULT; GREGOLIN). Para isso, levamos em conta o discurso como “[...] uma série de acontecimentos, como acontecimentos políticos, através dos quais o poder é vinculado e orientado” (FOUCAULT (2012[1978], p. 248); semelhantemente, estamos ancoradas no conceito foucaultiano de enunciado, materializado em forma de qualquer registro. Refletimos sobre as relações entre a tecnologia do poder, o desenvolvimento das forças produtivas, a defesa da sociedade, a produção de uma verdade homogeneizadora capaz de universalizar culturas, modos de vida, numa perspectiva da pesquisa genealógica. Focalizamos igualmente os conceitos básicos da Análise Arqueológica do Discurso (relação entre o discurso, o enunciado, as formações discursivas, o arquivo). Também como recurso metodológico, propomos duas perguntas: qual o papel dos discursos circulados no UCM para a criação do imaginário dos sujeitos, em sua relação consigo, com os outros? Qual a relação entre a mídia cinematográfica, a ‘história do presente’? Constatamos que os Vingadores são considerados pessoas notáveis, rememorando não só o poder econômico, político, armamentista da nação estadunidense, mas também a engenhosidade de seus heróis.

Palavras-chave: Vingadores. Arqueogenealogia. Discurso. Cinema. Literatura.

O gótico como recusa da polidez moderna

Mariana Dias Pinheiro Santos (PNPD/PPGF/UFS)

Boas maneiras, evitar deixar-se levar por fortes paixões que são conduzidas por frivolidades, respeitar a sensibilidade leitor, evitar excessos, e induzir um comportamento adequado a cada ocasião são exemplos de temas que estão presentes quando o tema é polidez. Os ensaios do escocês David Hume não deixam de evidenciar estes aspectos, e por essa razão o tomaremos como exemplo desse tema que ganha atenção na modernidade. Por outro lado, quando colocamos em vista o modelo de literatura proposto por Lewis, autor de "O Monge", e por Walpole, autor de "O Castelo de Otranto", vemos que os personagens apresentados ao leitor tendem a um comportamento completamente distinto, para não dizer inverso, ao que o autor escocês indicaria. Em suma, o leitor desse tipo de romance é colocado diante de paixões descontroladas e uma forma de sociabilidade efusiva, que, para boa parte dos críticos da época, podem incitar os leitores ao mesmo tipo de comportamento. Diante disso, recuperar notas de Hume acerca do bom convívio social parece um trabalho interessante, já que contrastam tanto com os personagens que encontramos em romances góticos do final do século XVIII. Evidentemente, nossas notas não dirão respeito ao que Hume teria a dizer sobre os romances supracitados, trata-se de usar os ensaios do escocês como referência do que podemos entender como polidez, para, então, evidenciar o gótico como uma recusa desse ideal.

Palavras-chave: Hume. Paixões. Gótico. Sociabilidade. Polidez.

Nietzsche à luz de "O duplo" de Dostoiévski

Mariana Lins Costa (PPGF/PNPD/UFS)

Se o romance de estreia "Pobre gente" (1845) fez com que Dostoiévski fosse considerado o pequeno gênio recém-nascido da escola naturalista russa, o seu segundo romance escrito e publicado em 1846, "O duplo", não angariou os mesmos elogios. Ao contrário, significou o estremecimento inicial e irreversível do futuro autor de "Os demônios" para com a escola naturalista, que na mais positiva das avaliações considerou este romance como digno dos manicômios. Curioso é que o escritor, na sua maturidade, tenha considerado justamente "O duplo" como a sua *contribuição mais séria à literatura*, o que inclusive o levou a reescrever e republicar a obra vinte anos depois: "eu nunca expressei nada mais sério nos meus escritos do que esta *ideia*", escrevera logo após a segunda edição. Na presente comunicação, buscaremos expor a "ideia" de duplo representada por Dostoiévski sob a forma literária, para em seguida, esboçar certa compreensão da filosofia nietzschiana. À luz da "ideia" de duplo, parece ingenuidade nomear os instintos do homem moderno de "gregários" ou julgar que o seu ideal fosse algo aparentado a um "animal de rebanho". Tivesse Nietzsche tratado da "moral dos senhores" e da "moral dos escravos", tal como ele mesmo as identificara, isto é, a partir da sua "*dura coexistência – até mesmo num homem, no interior de uma só alma*", talvez tivesse elaborado nos seus livros uma filosofia mais humana, demasiado humana do que sobre-humana, super-humana, supostamente além-do-humano porque... livresca.

Palavras-chave: Dostoiévski. Nietzsche. Duplo. Moral de senhores e de escravos.

Teoria penalista em Friedrich Nietzsche

Marília Fernanda Santos Lima (Direito/UNIT)

O trabalho visa desenvolver um caminho que nos leve ao entendimento dos valores sociais basilares que justificam todas as ações do indivíduo. O objeto central é o estudo da relação entre tais valores sociais e o sistema de punibilidade adotado atualmente no nosso país, desvendando os conceitos concebidos como verdades sem quaisquer questionamentos prévios a respeito da sua origem. Ao demonstrar que forjamos a ideia de justiça enquanto estamos envolvidos em um sistema sedento por vingança, pretendemos compreender as motivações escondidas por detrás da aplicação das penas e mostrar o quanto o sistema de punição se encontra correlacionado aos interesses intrínsecos do seu aplicador, que vão muito além do mero desejo de "fazer justiça". O estudo assume a hipótese de que toda teoria desenvolvida por Nietzsche, no ano de 1887, encontra-se até hoje viva no nosso sistema penal, na coexistência do caráter vingativo transmutado em justiça, para que os homens se sintam menos culpados ao tornar-se monstros do próprio monstro. Pretendemos esclarecer o quanto ainda a moral cristã influi nas ideias do homem sobre si mesmo, levando-o a negar seus próprios instintos por conta de um ideal metafísico. De acordo com Nietzsche, as questões morais são excepcionalmente humanas, o que significa que os princípios e valores são e sempre serão atribuídos por meio de uma motivação humana.

Palavras-chaves: Sistema de Punibilidade. Justiça. Vingança. Moral Cristã. Nietzsche.

Literatura, pintura e ontologia em Merleau-Ponty

Matheus Hidalgo (DFL/PPGF-UFS)

Este trabalho se propõe a caracterizar a ontologia indireta proposta por Merleau-Ponty a partir de uma discussão acerca da natureza da expressividade artística, tal como ela se encontra tematizada no ensaio “A linguagem indireta e as vozes do silêncio” e no livro “A prosa do mundo”. Destaca-se, num primeiro momento, a relevância da noção de logos do mundo estético para a compreensão da produção do objeto artístico, enquanto objeto perceptivo, tanto no que diz respeito às artes linguageiras (literatura) quanto às artes mudas (pintura). A seguir, são indicadas algumas semelhanças e diferenças entre os posicionamentos de Sartre e Merleau-Ponty no que diz respeito ao estatuto do objeto artístico. O saldo geral dessa discussão sugere que a ontologia indireta, ao revelar a passividade inerente a toda e qualquer criação, aí inclusa a criação do objeto artístico propriamente dito, aponta na direção de um caminho fértil para que se possa ultrapassar o pressuposto básico da ontologia dualista clássica, segundo o qual subjetividade e objetividade seriam, ao menos idealmente, separáveis.

Palavras-chaves: Merleau-Ponty. Percepção. Linguagem. Pintura. Ontologia.

Um olhar para além da estética: a obra literária e seus elementos políticos em Maquiavel

Nilo Henrique Neves dos Reis (UEFS)

Nicolau Maquiavel escreveu várias obras literárias. Dentre as mais significativas, encontram-se “A Mandrágora” e “Clizia”. Naquelas páginas descobre-se uma série de particularidades da vida privada dos florentinos, bem como a ideia de que os desejos podem ser conseguidos sem que se tornem espinhos para os atores políticos, caso sejam bem escondidos. “O Príncipe” se tornou um clássico do pensamento político. Segundo esta obra, há uma articulação entre a natureza humana e o poder, visto que, através de seu exercício de domínio, uns homens sobrepujam outros. Este entendimento resta claro na obra aludida e segue concomitante nos “Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio” – doravante, “Discorsi”, e na “História de Florença”. Não obstante, Maquiavel havia escrito outras obras, como poemas, peças literárias, cartas e uma fileira de historietas que, numa assoalhada, parecem conter elementos de sua filosofia política, o que exige, por sua vez, que seu leitor percorra outras perspectivas para ter um ponto de vista mais elevado sobre as ideias discutidas. Por este motivo, talvez seja justo indagar: a mirada política de Maquiavel se estende às suas produções literárias? Sendo afirmativa, esta leitura auxilia na compreensão do pensamento do florentino? A questão que se põe aqui é saber se tais escritos literários do filósofo se alinham ao pensamento político defendido por ele. Ao nosso sentir, tais escritos locupletam a posição política do autor, bem como permitem ser uma espécie de exercício teórico daquilo que foi defendido em suas principais obras, que seguem além de “O Príncipe”.

Palavras-chave: Maquiavel. Literatura. Estética. Realismo político.

Notas sobre a genealogia balzaquiana no pensamento de Walter Benjamin

Otávio Monteiro Pereira (IFAL)

Nossa comunicação intenta por em revista a genealogia de alguns conceitos fundamentais de Walter Benjamin, na medida em que estes têm uma articulação com a literatura francesa do século XIX, especialmente com a obra balzaquiana. Estamos nos referindo aos conceitos de experiência, vivência e tempo. Em sua obra “Passagens” (2018), Benjamin mapeia a Paris do XIX com suas galerias e tipos exemplares, os quais denotam um tempo emblemático: da ruína de uma burguesia que ansiava ainda pelo império. São recorrentes as citações de Benjamin a Balzac, posto que este último, autodenominado “pintor da sociedade francesa”, destaca em sua obra, “A comédia humana” (2015) alguns dos tipos modelares utilizados por Benjamin, a saber: o jogador, a prostituta, o flâneur e o colecionador. Tais tipos são a encarnação da perda da experiência (*Erfahrung*) em detrimento da vivência (*Erlebnis*). Verificaremos ainda o modo como a concepção benjaminiana de tempo tem contornos importantes quando observamos a denúncia balzaquiana das mudanças de sua sociedade. A aceleração e reificação do tempo, presentes na indústria literária das “Ilusões perdidas” (2010) de Balzac são o germe do tempo infernal constatado por Benjamin nos indivíduos da grande cidade.

Palavras-chave: Benjamin. Balzac. Experiência. Tempo. Literatura.

A revolta e a angústia: diálogos entre Kierkegaard e Dostoievski na construção do caminho de fé

Pedro João da Silva Bisneto (PPGFIL/UFRN)

A contemporaneidade parece não ter conseguido compreender a profundidade do conceito de angústia e nem sua relação com a liberdade e a formação do sujeito. Partindo deste fato, entende-se como emergencial uma nova compreensão do conceito de angústia a partir do pensamento filosófico do dinamarquês Soren Kierkegaard, que acerta em cheio ao se aprofundar no conceito de angústia, explanando o paradoxo da superação teleológica da moralidade e os fundamentos do conceito de pecado hereditário como forma de compreender a angústia filosoficamente. Ao observar a história da literatura, vê-se que os conceitos de angústia e de caracterização do sujeito já eram construídos com abordagens similares. O exemplo mais forte encontra-se na literatura russa do escritor Fiódor Dostoievski, especialmente no “angustiado” Ivan Fiódorovitch Karamazóv, o irmão do meio em “Os Irmãos Karamazóv”, que buscando compreender a natureza humana frente a sua liberdade, demonstra a presença e urgência de um conceito tão presente em nosso cotidiano. Para muito além de uma análise literária, encara-se como necessário uma releitura da obra de Dostoievski por meio do auxílio dos conceitos existencialistas de Kierkegaard, permitindo assim, não só uma nova possibilidade de análise, mas de abordar conceitos difundidos pela filosofia que encontram a realidade por meio da literatura. Assim, enquanto para o autor russo, a realidade fundamentada nas possibilidades demonstra a crueldade da divindade, para Kierkegaard o existir do homem é a possibilidade que, enquanto pedra angular da sua construção filosófica, corresponde ao nosso aprofundamento mais emergencial.

Palavras-Chave: Angústia. Revolta. Sujeito. Kierkegaard. Liberdade.

Clarice Lispector: possibilidades de diálogo com a Fenomenologia da Religião

Rafaela Santos de Carvalho (PPGF/UFS)

A escrita de Clarice Lispector nos faz recordar da necessidade de angustiar-se diante do que nos parece dado, porém que algumas vezes não consegue ser definido através dos limites da linguagem. Sua aproximação com a fenomenologia mostra-se inerente ao seu processo de escrita, na medida em que busca, através das suas obras, lidar com questões da existência e percorrer o caminho do sentido do Ser. Sua maneira de falar sobre Deus nos evidencia uma possibilidade de exercer a religiosidade de forma mais livre, assim como de entender a religião enquanto fenômeno enriquecido de sentido e contexto, porém transcendendo as limitações dos signos. Podemos considerar que Clarice *desvela* a religião de forma aproximada com a fenomenologia, na qual o principal objetivo não é defini-la, ou definir Deus, mas sim evidenciar o oculto sentido que se encontra em sua experiência. Pode-se observar em sua obra aspectos de um questionamento profundo acerca do sentido da existência humana, porém inseridos dramaticamente no contexto das suas histórias, sejam seus contos, romances, crônicas, poemas. O processo de escrita clariceano nos conduz a um fluxo de reflexão que se inicia nas mais simples e diversas situações do cotidiano (nossas ou das personagens) e culmina em considerações acerca da existência, da morte, de Deus, do Amor, da realidade. Nesta apresentação, serão considerados exemplos de crônicas do livro *Aprendendo a Viver* e como os mesmos podem estar entrelaçados com a filosofia e fenomenologia da religião.

Palavras-chave: Clarice Lispector. Fenomenologia. Martin Heidegger. Fenomenologia da Religião.

Acerca de Gustave Le Bon: a imaginação e a propaganda fascista

Renata Dias Ribeiro (PPGF-UFS)

A "Psicologia das multidões" ganha corpo em um momento histórico em que a elite burguesa, na França da segunda metade do século XIX, busca uma resposta às diversas insurreições sociais, como a comuna de Paris, de 1871. Tal resposta associa uma tese de forte teor naturalista, que legitima o desprezo às massas a um novo fator, que mudará completamente a compreensão do campo político: a imaginação. Ora, segundo Serge Moscovici (1925-2014), a *nova política*, ou seja, a aceitação de uma política cujas emoções sobrepõe-se a razão, de modo que o campo das aparências se torna fundamento para ganho de capital político, é tributária dos escritos de Gustave Le Bon (1858-1931). Assim, se podemos evidenciar uma novidade na teoria leboniana, esta é a vinculação da função imagética do discurso, ou seja, mostra que a multidão é movida por imagens, de sorte que o poder de persuasão das palavras sobre a multidão depende da capacidade de criar imagens no inconsciente daqueles que a compõe. Le Bon contribuiu, assim, para a inauguração de uma política dos afetos e, ao destacar a função da imaginação, ele influenciou as novas técnicas do fazer político a partir do século XX. Diante disso, nosso trabalho é analisar como Le Bon situa o conceito de imaginação no campo político, além de exemplificar sua aplicação na propaganda fascista descrita por Theodor Adorno (1903-1969).

O grotesco em ‘Teresa Filósofa’

Renata Figueiredo de Castro (PPGL/UFS)

Famoso livro libertino do século XVIII na França, ‘Teresa Filósofa’, de autoria hoje atribuída ao Marquês D’Argens, insere-se numa tradição de narrativas de iniciação sexual feminina. Além das matérias comuns a essas obras, como a zombaria à Igreja e a excitação do leitor, ‘Teresa Filósofa’ faz uso da categoria grotesco em defesa da construção de uma determinada sexualidade, tida como adequada socialmente. De acordo com Meindl (1996), o grotesco normalmente subverte a ordem instituída, além de evocar o irracional. Tal categoria, então, aparece por meio do contraste e da duplicidade com o que não é grotesco. Em analogia ao posto por Victor Hugo (2007) com relação ao grotesco *versus* o sublime, é possível observar que o racional sobre o racional não gera resultado, não provoca um olhar de estranhamento, é preciso contrastar com o irracional. Tal estratégia é desenvolvida por toda a narrativa. A iniciação sexual da narradora e personagem Teresa desenvolve-se a partir de um discurso sobre racionalidade e controle das emoções. Embora muitas cenas subvertam a moral setecentista francesa – característica presente em grande parte dos livros libertinos – o grotesco opera na obra, sobretudo, como uma ferramenta argumentativa em favor da construção de uma sexualidade racional e, conseqüentemente, sadia, uma vez que o grotesco é evocado na narrativa como bestialógico, destacando nas cenas sexuais fora do padrão da época a dualidade entre atração e repulsão.

Palavras-chave: Literatura libertina. Grotesco. Sexualidade. Teresa filósofa. Moral.

Filosofia, cinema e resistência: notas sobre *Bacurau*.

Romero Venâncio (DFL-UFS)

A nossa palestra tratará do filme “Bacurau” a partir de quatro temas fundamentais presentes no filme: Resistência não é milagre. É criação da "comunidade", dos de baixo e suas estratégias como autogestão; uma espécie de "laboratório pós-colonial" efetivo. A "violência do oprimido" é um direito do oprimido. Não há um "fetiche da violência", mas uma percepção histórica da sua origem. O Brasil real e vivido que vem aos nossos olhos: Homens e mulheres, negros e negras, trans, putas, os caboclos e povos originários - convivendo, resistindo, criando. O lugar da memória comunitária e criada a partir de dentro da comunidade. A memória viva e efetiva vem do próprio povo. É preciso educar a todos e todas para a memória. Memória é política e resistência. Memória abriga a utopia.

Palavras-chave: Cinema. Resistência. Violência. Memória. Utopia.

Circuito pulsional como formador da condição de sujeito: A subjetividade em Nietzsche e em Freud

Salomão Santana (PPGF/UFS)

A filosofia nietzschiana e a psicanálise freudiana se encontram em vários momentos em suas teorias. Pretendo com esse trabalho, mostrar que há uma semelhança na formulação do sujeito em ambos os pensadores a partir da mesma noção: Pulsão (*Trieb*). O estudo tem como objetivo demonstrar como o conceito de Pulsão, *Trieb*, em ambos os pensadores, Nietzsche e Freud, é um conceito constitutivo e semelhante na edificação e formulação do conceito de subjetividade

Palavras- Chave: Psicologia. Psicanálise. Inconsciente. Pulsão subjetiva. Nietzsche.

Filosofia e libertinagem: Discussões morais nas obras "I Modi" e "Teresa Filósofa"

Sizínio Lucas Ferreira de Almeida (PPGF/UFS)

O presente trabalho objetiva discutir questões morais a partir de duas obras literárias, consideradas libertinas em seus séculos: a obra renascentista "I Modi", coletânea de poesias eróticas surgida no século XVI, cuja tradução no Brasil saiu intitulada "As Cortesãs do Renascimento" (1994), e na clássica obra francesa "Teresa Filósofa", do século XVIII. A partir destas duas obras literárias pretendo traçar como a condenação das práticas sexuais está ligada a divisão de classes sociais. Para tanto, é nítido nas obras que a culpa moral nas relações sexuais está muito mais condenável às classes pobres, vistos como devassos e selvagens pelos aristocratas e clérigos, bastiões da moral e dos bons costumes. Por fim, pretendo trazer a tona neste texto discussões moral da nossa contemporaneidade, sobretudo relacionada à questão de gênero e sexualidade. Para os atuais defensores da moral e dos bons costumes, diversas práticas sexuais ainda são condenáveis, principalmente as que estão fora do padrão heterossexual, padrão que perfila o conservadorismo moral dessa classe. Com isso, abre-se a seguinte discussão: a condenação moral pende muito mais para as classes baixas, consideradas impuras e devassas, enquanto os diversos casos de abusos e práticas sexuais permeiam as classes ricas, sejam por aristocratas ou por clérigos.

Palavras- Chave: Moralidade. Libertinagem. Literatura. Filosofia. Teresa filósofa.

O mito do retorno de Odisseu como metáfora para a ascensão da alma em Plotino: uma aproximação entre filosofia e poesia

Tadeu Júnior de Lima Nascimento (IFMA/PPGF/UFS)

No que se refere à filosofia antiga, a rixa entre o mito (tomado como uma explicação fantasiosa do mundo) e o *Lógos* (razão) inevitavelmente ecoou na relação entre literatura e filosofia. Dito isto, o intuito deste trabalho é demonstrar que, para além das aproximações e afastamentos estabelecidos a partir de tal querela, podemos vislumbrar na obra do filósofo neoplatônico Plotino uma utilização do mito como imagem capaz de expor algo para além do discurso, expressar mais do que é dito. O sistema plotiniano é composto fundamentalmente por uma tríade de hipóstases: Uno (*en*), Intelcto (*nous*) e Alma (*psyche*). Através destas, o filósofo explica tanto o cosmo inteligível quanto sensível, sendo tecidos a partir de dois movimentos lógicos: processão (*próodos*) e retorno (*epistroph*). Tais movimentos não apenas explicam o surgimento do múltiplo a partir da unidade como, no campo antropológico, traçam o caminho da alma humana desde sua "queda" (ao avivar a matéria originando o vivente) até sua "fuga do mundo" quando busca assemelhar-se a deus através das virtudes, ou seja, busca uma purificação (*katharsis*) e assim uma ascensão. No tratado "Sobre o belo", o mito da volta de Odisseu à sua pátria, Ítaca, é uma metáfora utilizada por Plotino para o retorno da alma ao Uno. Baseando-nos principalmente nessa passagem, nos propomos a demonstrar como o mito, e consequentemente a poesia, tem presença relevante na filosofia plotiniana, destoando da possível cisão supracitada.

Palavras-chave: Plotino. Filosofia. Poesia. Odisseu. Neoplatonismo.

Bartleby e as três fórmulas

Thiago Vidal Ricardo (PGFI/UFF)

Bartleby e sua fórmula “preferiria não” abriu caminho para muitas leituras. Em meio a esta fortuna crítica, é possível construir uma linha de interpretação capaz de conciliar algumas destas e com isso pensar uma ética e uma literatura altamente política? A proposta desta comunicação é traçar um elo entre três fórmulas “bartlebyanas” com contornos altamente éticos e críticos e, com isso, pensar os desafios da contemporaneidade. A primeira das três é a “fórmula da potência” de Agamben para o qual Bartleby é o escrivão que não escreve, mas que domina a escrita e permanece sendo um escriba em potência. Bartleby escapa à fórmula da vontade e da necessidade e funda a fórmula da potência. Ele habita o campo das possibilidades e faz a experiência aporética das preferências com toda sua potência criativa. A segunda é a “fórmula do inexprimível” de Deleuze, para o qual Bartleby é um homem sem particularidades, um original, sem clichês. É uma figura solitária que sabe de algo inexprimível e insondável, que diz tudo de chofre, que exprime o inexprimível, e é capaz de cavar uma língua estrangeira quando não há mais nada a dizer. A terceira, na esteira de Hardt e Negri, é a “fórmula da desobediência” de La Boétie, que Bartleby soube levar a cabo ao desobedecer sempre. Ele surpreende a todos com sua ética da desobediência. Seu “preferiria não” é a condição de possibilidade da liberdade como linha de fuga da servidão voluntária e da desobediência como prática literária e política.

Palavras-chave: Bartleby. Fórmula da potência. Fórmula do inexprimível. Fórmula da desobediência. Filosofia.

A teoria da função apropriada responde satisfatoriamente ao problema de Gettier?

Tiago Barreto Silva (PPGF/UFS)

Em 1963, o filósofo Edmund Gettier publicou um pequeno artigo intitulado “Is Justified True Belief Knowledge?”, onde, através de dois contraexemplos, demonstrou que a definição tripartite de conhecimento (definição clássica ou platônica) é insuficiente, uma vez que existem situações em que, embora presentes as três condições clássicas (crença, verdade e justificação), o conhecimento não resta caracterizado. O problema de Gettier motivou inúmeras discussões em epistemologia, levando os epistemólogos a concentrar seus esforços na busca por uma solução. Diversas alternativas foram apontadas, dentre as quais a teoria da função apropriada de Alvin Plantinga. A presente comunicação tem por objetivo apresentar a resposta formulada por este filósofo ao problema de Gettier, ao criar o conceito de *aval*, como propriedade que distingue o conhecimento da mera crença verdadeira, e perquirir se tal teoria responde satisfatoriamente ao problema formulado por Edmund Gettier.

Palavras-Chave: Conhecimento. Função apropriada. Aval. Problema de Gettier. Filosofia.

Um ensaio entre a ação comunicativa e a dialética do esclarecimento

Wilson de Meneses Hora (PPGF/UFS)

O presente trabalho objetiva fazer uma discussão entre autores da Escola de Frankfurt na área da comunicação, abordando Jürgen Habermas, com sua obra "Teoria da Ação Comunicativa", e Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, com a "Dialética do Esclarecimento" (1947). A forma de tratar o papel da comunicação entre os pensadores frankfurtianos se apresenta sem muita convergência no cerne da formação da racionalidade e converte-se em propostas com caminhos distintos, diferenciados na forma e na essência. Porém, tais autores utilizam os princípios e pontos que se entrelaçam, quanto a visão de emancipação do sujeito com o viés comunicativo ligado a visão do processo de libertação do homem, seguindo uma abordagem, direcionamento e intervenção diferenciada. Theodor W. Adorno e Max Horkheimer trabalham muito o conceito de esclarecimento, sem perder a ligação no conceito crítico de emancipação. Já Habermas, que detinha ligação direta com Adorno, tenta levar o seu trabalho para um patamar diferente, trabalhando o agir comunicativo pelo convencimento, a partir do diálogo entre as partes como parâmetro. Estas mudanças de paradigma da consciência e a racionalidade não dependem do sujeito, e sim, da intersubjetividade, em que a lógica depende da descentralização da relação. Esta visão funda uma "ética da discussão" em que a racionalidade se dá a partir do convencimento do outro. Ela também dedica ao sistema e o mundo da vida. O proposto diálogo baseia-se na crítica do esclarecimento e na subjetividade da discussão.

Palavras-chaves: Comunicação. Esclarecimento. Diálogo. Emancipação. Racionalidade.

A ciência em Gileade: Uma análise dos aspectos valorativos do fazer científico em "O conto da Aia" de Margaret Atwood

Vagner Gomes Ramalho (PPGF/UFS)

O romance de Atwood foi escrito em 1985 e discute, entre outras questões, como um Estado teocrático influencia nas liberdades individuais das pessoas que fazem parte dele. Dentre outras questões que podem ser observadas no romance, que mais do que nunca está na ordem do dia, o ponto central pretendido por esse trabalho é a análise de como essa influência direta do Estado teocrático de Gileade pode ser corroborada por valores científicos e, por outro lado, como os valores políticos dessa sociedade podem acabar por colaborar com a forma como a ciência se desenvolve. Na aventura distópica da escritora, as relações de gênero compõem a forma principal de análise de como a ciência se manifesta. É que em Gileade existem papéis definidos para homens e mulheres e no contexto em que muitas mulheres não conseguem gerar filhos — segundo a trama, por razões de natureza teológica — existe uma casta que serve para essa finalidade, a saber, a casta das aias. As semelhanças com a realidade são assustadoras, senão pela relação direta entre castas, certamente pelos supostos papéis de gênero que nossa sociedade insiste em procurar impor por meio das decisões políticas que têm sido tomadas e que buscam, por vezes, algum fundamento que se quer dizer como científico. A ciência em Gileade é a forma pela qual o Estado teocrático visa se perpetuar, pois existe especial interesse em maximizar as reproduções, embora valores científicos possam ser subjugados. Em Gileade a ciência não se desenvolve de forma democrática e inclusiva, pelo contrário, está desde o início restrita às funções desempenhadas pelos homens. Além de não poderem desenvolver pesquisas científicas, as mulheres também não podem ler e, tampouco, escrever. Poderíamos pensar que a ciência desenvolvida em Gileade é uma forma de

expressão de como as sociedades podem se tornar com o avanço de governos de extrema direita de base teocrática? Nesse sentido, como os valores políticos podem influenciar a pesquisa científica e, por conseguinte, determinar a maneira pela qual os resultados das pesquisas científicas são apresentados? É com questões dessa natureza que proponho a análise do livro de Atwood, procurando observar se há algum paralelo entre a realidade que nos cerca e a ficção apresentada.

Palavras-chave: Valores políticos. Valores científicos. Estado teocrático. O conto da Aia. Filosofia.

A “escala de Gilligan”: o processo de desenvolvimento moral da voz diferente *Victor Fernando Alves Carvalho (PRODIR - UFS)*

A obra de Carol Gilligan “In a Different Voice – Psychological Theory and Women’s Development” (1982) é um marco da filosofia feminista. Denuncia que o fato de as mulheres não se ajustarem aos modelos de desenvolvimento moral não decorre de uma limitação nas mulheres, mas sim na sua representação. Um desses modelos é o de Lawrence Kohlberg, que formulou uma escala progressiva de três estágios de maturidade moral (pré-convencional, convencional e pós-convencional), cada um com dois níveis, com base em entrevistas com meninos brancos de Chicago. Inspirando-se em Jean Piaget e considerando o imperativo categórico kantiano como uma premissa fundamental, o filósofo defende a ideia de universalismo na moral e a possibilidade de o sujeito autônomo chegar a princípios universais de justiça e equidade (estágio máximo da maturidade humana). Contudo, na pesquisa de Kohlberg, as mulheres simplesmente “empacam” no estágio convencional, especificamente no nível três, em que a moralidade é definida a partir das expectativas interpessoais, e a bondade é definida como ajudar ou agradar a outrem. Para Gilligan, trata-se de uma falha da teoria kohlbergiana, que foi incapaz de abarcar a ética do cuidado, segundo a qual essa “voz (moral) diferente” é um modo de pensar contextual e narrativo, e não formal e abstrato. Nesse sentido, o objetivo desta comunicação é apresentar a crítica de Gilligan a Kohlberg (I), para, em seguida, investigar a “escala de Gilligan” (II) (um modelo não normativo, mas descritivo) acerca do desenvolvimento dessa “voz diferente”, e, por fim, discorrer sobre qual seria o argumento normativo de Gilligan (III).

Palavras-chave: Ética do cuidado. Vozes morais. Desenvolvimento moral. Maturidade. Feminilidade.

A eficácia política da arte: uma leitura da obra voltairiana à luz de Jacques Rancière.

Vladimir de Oliva Mota (DAVD/PPGF/UFS)

É já vastamente discutida a ideia de filósofo das Luzes francesas como alguém incumbido de reforma da sociedade, como escritor cuja palavra deve reger o destino histórico dos seres humanos, conduzindo estes a sua emancipação; com esse propósito, a filosofia das Luzes francesas reveste-se de uma espantosa diversificação de sua expressão: romance, conto, carta, peça de teatro, verbete de dicionário etc, e Voltaire desponta como um dos maiores representantes dessa variedade da expressão filosófica no período. Assim, literatura e filosofia fundem-se na obra voltairiana; como estratégia a dar a sua escrita uma eficácia política, seus textos apresentam-se como obras de arte. Ou seja, há em

Voltaire uma politização da arte, manifesta em estratégia e prática específicas, que considera um certo modelo de eficácia política da arte. O que aqui se pretende é analisar o modelo voltairiano de eficácia política da arte presente em suas peças de teatro, de modo geral, e, particularmente, em "O fanatismo ou Maomé o profeta", apontando o alcance e os limites daquele modelo a partir da noção de "política da arte" expressa, sobretudo, em "O espectador emancipado" de Jacques Rancière.

Palavras-chave: Voltaire. Rancière. Política da arte. Filosofia. Literatura.

Para além da literatura: O Ser e o Nada e o ser nada na dramaturgia de Eugène Ionesco.

Wesley Cleiton Aquino Almeida (Letras/UFS)

O artista Franco-Romeno Eugène Ionesco ganhou notoriedade por meio de seus textos dramáticos. "A Cantora Careca" (1949), "As Cadeiras" (1952), sua obra-prima "O Rinoceronte" (1959) e demais dramas/peças compuseram a estética classificada na década de 1960 pelo argumentista Martin Esslin como "O Teatro Do Absurdo". O estilo de escrita do dramaturgo em questão evidencia os limites da linguagem humana, a ausência de sentido da vida cotidiana, ao mesmo tempo que estabelece paródia de ideias filosóficas, especialmente as de "O Ser e o Nada" (1943), enunciadas por Jean-Paul Sartre, filósofo ao qual Ionesco direcionará seus ataques e experimentará embates intelectuais que reverberarão para além do texto literário. Existe uma predileção por parte de Eugène Ionesco em atacar ao Sartre e suas ideias filosóficas, principalmente as que dizem respeito à visão ontológica apresentada em "O Ser e o Nada". As discussões enunciadas no ensaio de ontologia fenomenológica encontrou lugar no texto dramático de Ionesco - "A Cantora Careca" - primeiramente na forma de paródia, principalmente na ação das personagens e seus diálogos esvaziados de sentido, em seguida, nos diversos artifícios estilísticos estabelecido por esse esgrimista da linguagem, que com o intuito de dar movimento ao seu teatro e antiteatro de ideias, ultrapassa as fronteiras da linguagem escrita e representativa, compondo com outros dramaturgos do século XX um teatro de vanguarda. Apresentar como o determinado embate está presente nos textos literários, ensaísticos e demais publicações de Ionesco (da mesma forma que aparecem em textos a respeito do dramaturgo em questão) é o nosso objetivo.

Palavras-chave: Ionesco. Sartre. Querela. Antiteatro. Teatro do absurdo.

O problema do sujeito na literatura: uma introdução a Deleuze e Derrida

William de Siqueira Piauí (DFL/PPGF/UFS)

Como insistem, cada um à sua maneira, Deleuze (1925–1995) em "Lógica do sentido" e Derrida (1930–2004) em "A escritura e a diferença", é tarefa da filosofia contemporânea rediscutir o problema da identidade pessoal ou, mais geralmente, do sujeito, herdado especialmente da filosofia pós Descartes (1596–1650); curiosamente, ambos vão encontrar na literatura as ferramentas para desenvolver tal problemática e, de saída, concordarão que a literatura se antecipou e sempre ofereceu alternativa para o que devemos recusar da filosofia moderna quando a questão é compreender o que constitui o sujeito ou pessoa do discurso e da ação. Assim, o que pretendemos discutir é principalmente como Deleuze e Derrida, a partir das obras mencionadas, se valem da

literatura para problematizar a noção moderna de sujeito chegando até a crítica da psicanálise inaugurada por Freud (1839–1956).

Palavras-chave: Deleuze. Derrida. Lewis Carroll. Mallarmé. Sujeito. Identidade Pessoal.

O grito do silêncio em "Hiroshima mon amour"

Yasmin de Farias Nascimento (UNOPAR)

Este trabalho visa analisar a construção psicológica da personagem “Ela” do filme “Hiroshima mon amour”, de Alain Resnais, pela perspectiva da psicanálise e da filosofia. Para esse feito utilizaremos os conceitos de absurdo de Albert Camus e os de repetição e elaboração de Sigmund Freud. A personagem trava uma luta inglória com a própria memória. O não dito se repete e se expressa no olhar perdido da personagem. “Ela” é uma atriz francesa que chega a Hiroshima para trabalhar num filme sobre a paz e, guiada por sua *morale douteuse*, se envolve com um arquiteto japonês que também vivenciou o horror da guerra. Um caso extraconjugal se torna uma via de acesso ao passado doloroso que “Ela” recalcará por mais de uma década. “Beba!”, o peso da palavra é violento e terapêutico no roteiro dado por Marguerite Duras.

Palavras-chave: Cinema. Literatura francesa. Filosofia francesa. Psicanálise. Hiroshima.

Resumos dos mini-cursos

Investigação filosófica sobre "Os demônios" de Dostoiévski

Mariana Lins Costa (PPGF/PNPD/UFS)

O minicurso tem por objetivo introduzir algumas ideias centrais contidas no livro *O herói niilista e o impossível além do homem* resultante da minha tese de doutorado. No livro, busquei criar um arcabouço teórico capaz de interpretar a filosofia nietzschiana – em especial o seu projeto de superação estética do niilismo, coroado com o conceito de *Übermensch* – à luz do pensamento de Dostoiévski. Para este propósito, a obra *Os demônios* (1870) se mostrou fundamental. Pensada inicialmente como uma retratação artística dos perigosos rumos que a juventude niilista russa vinha tomando ao final dos 1860, a obra concluiu-se como um documento colossal no qual está representado artisticamente o que, no livro, foi designado conteúdo espiritual da modernidade sob a perspectiva niilista. Talvez mais do que em qualquer outra obra, em *Os demônios*, tem-se ressaltada uma das características mais notáveis do talento de Dostoiévski: a de fazer transbordar dos assuntos urgentes do seu tempo e lugar um significado universal e metafísico. Como, para a compreensão deste “romance-tragédia sem precedentes”, faz-se necessário não só certo conhecimento do debate travado pelos intelectuais e ativistas políticos russos da época, como de dois conceitos centrais ao idealismo alemão – sendo estes, o conceito de ideal oriundo da estética de Hegel e o de gênio oriundo da de Kant –, neste minicurso, será deixada de lado a implicação desse estudo para certa compreensão do incensado *Übermensch* de Nietzsche.

Palavras-chave: Dostoiévski. "Os demônios". Nihilismo. Ideal. Gênio.

Marxismo & Estética: estudo sobre Forma e Conteúdo

Romero Venâncio (DFL/PPGF/UFS)

O curso tem por objetivo explorar a relação dialética Forma e Conteúdo nos escritos de alguns teóricos marxistas que trataram de temas estéticos. Faremos uma leitura/homenagem do livro de Guido Oldrini "Os marxistas e a arte".

Palavras-chave: Marx. Estética. Guido Oldrini. Arte.

O problema do mal em Machado de Assis

Antonio Pereira (DFL/PPGF/UFS)

Pode-se dizer que Machado de Assis revisita o tema do mal em todas as suas facetas filosóficas, a saber: o mal natural (ou metafísico), o mal social e o mal moral. O assim chamado mal natural, só para dar um exemplo, é representado alegoricamente no Capítulo VII (o Delírio) de *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Ali, vemos a figura da Natureza ou Pandora apresentada como "mãe e inimiga": mãe, porque é doadora da vida (é *matrix*), mas se trata de uma mãe maligna, porque não fornece a beatitude (não é *beatrice*) e, por isso, não é benevolente. Nesse sentido, a natureza, na perspectiva machadiana, assim como na de Schopenhauer e Giacomo Leopardi, autores que o influenciaram, não possui finalidade alguma, a não ser o único propósito de perpetuar o "querer viver" e, com isso, conservar "o legado de nossa miséria". Dada a condição finita do ser humano e a infinitude dos seus desejos, para Machado, sempre iremos oscilar entre a posse e a frustração, entre o prazer e a dor, entre o ser e o nada, pois a fome, a sede e o sexo - desejos naturais que estruturam e movimentam as paixões - nunca poderão ser plenamente satisfeitos, pois a natureza nos obriga sempre a recomeçar a luta pela autoconservação, enquanto o tempo lascivo nos alimenta e corrói. Nesse sentido, a natureza nos impele a desejar sempre e diante da força das paixões, a razão e a liberdade humanas são limitadas e impotentes, embora nossa condição se defina pela capacidade de reprimir as paixões e, como isso, fundar e tornar possível a ordem social, política e moral que formam a civilização. Contudo, na perspectiva de Machado, a sociedade não nos põe a salvo das ilusões de Pandora, pois lutamos uns contra os outros e, antes de sermos tragados pela "voluptuosidade do nada", cada um de nós se gaba de ter colhido suas batatas e, como a natureza não nos dotou com garras e chifres, para sobreviver em nosso meio, o ser humano, esse animal doente no dizer de Nietzsche, usa o ardil do mérito e da máscara. Ora, é justamente nesse ponto que a crítica literária acerca de Machado de Assis se divide: Roberto Schwartz, por exemplo, vê em Machado um autor que ironicamente põe na boca dos seus narradores o discurso da desfaçatez de classe, típica de uma elite que mistura darwinismo social e pessimismo filosófico e, assim, essa elite, tão bem representada na figura de Brás Cubas, acredita justificar ou naturalizar uma condição histórico-social tida por ela como insuperável. Já Alfredo Bosi, embora veja em Machado um crítico do seu tempo e um fino analista da situação local, não deixa de apontar para o conteúdo universal ou "filosófico" de sua obra, sobretudo por sondar o lado subterrâneo da alma humana. Entre as duas perspectivas, penso que seja possível adotar uma terceira via. Neste mini-curso, trabalharemos com a hipótese de que o mal metafísico ou natural, no caso de Machado, parece ser um problema que não se resolve, ele apenas muda de

endereço, e ora permeia exteriormente a vida social e política, como vemos, por exemplo, no conto *Pai contra Mãe*, que trata das condições da escravidão no Brasil, ora o mal se instala nas profundezas da alma sob a forma de um “demônio interior”, que, visto sob o ângulo sexual, não raro veste a capa do perverso, do vampiro, do voyer ou do sádico (como vemos em contos como a *Causa secreta* e *D. Paula*.) Em suma, a meu ver, as três facetas do mal (natural, social e moral) estão interligadas na obra de Machado, e seus textos enfatizam às vezes um, às vezes outro aspecto, sempre de modo ambíguo, sedutor e sutil.

Palavras-chave: Natureza. Mal. Machado de Assis. Literatura. Filosofia.

Filosofia e literatura em relação : poética da imaginação em Édouard Glissant.
Luís Carlos Ferreira dos Santos (Rede Unirb/Salvador)

Este minicurso busca compreender a poética da imaginação, presente na relação da filosofia (*philosophie de la relation*: poésie en étendue e *poética da relação*) e da literatura (*O quarto século*) do martinicano Édouard Glissant. Um dos conceitos mestres que articula a discussão em torno deste minicurso é a noção de filopoética proposto por Manuel Norvat (2015). A poética da imaginação, em Glissant, corresponde a imersão radical na defesa de um discurso pós-colonial, o qual busca uma perspectiva não apenas de criação de conceitos, mas deste ser fecundado de imaginação. A defesa da filosofia em relação com a literatura tem como uma de suas finalidades povoar o imaginário. O minicurso está estruturado em três encontros, sendo o primeiro deles de natureza mais expositiva, e os dois outros um diálogo que procura estabelecer pontes entre a filosofia e a literatura, tendo sempre por foco a imersão no pensamento filopoético de Glissant.

Palavras-chave: Filosofia e Literatura. Poética e Relação. Filopoética em Édouard Glissant.